



Escola de Comunicação e Artes
Curso de Licenciatura em Jornalismo

Trabalho de Fim de Curso

TEMA:

**ANÁLISE DA QUALIDADE DA FOTOGRAFIA JORNALÍSTICA NA IMPRENSA
ESCRITA MOÇAMBICANA: caso dos semanários privados “Savana” e “Canal de
Moçambique”**

Autor: Evaristo Chilingue

Supervisores:

Msc. Tânia Machonisse

Msc. Adão Matimbe

Maputo, Dezembro de 2023

Escola de Comunicação e Artes
Curso de Licenciatura em Jornalismo

**ANÁLISE DA QUALIDADE DA FOTOGRAFIA JORNALÍSTICA NA IMPRENSA
ESCRITA MOÇAMBICANA: caso dos semanários privados “Savana” e “Canal de
Moçambique**

Monografia apresentada na Escola de Comunicação e Artes, em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do Grau de Licenciatura em Jornalismo na Universidade Eduardo Mondlane.

Autor:

Evaristo Chilingue

Supervisores:

Mcs Tânia Machonisse;

Mcs Adão Matimbe;

Maputo, Dezembro de 2023

Escola de Comunicação e Artes
Curso de Licenciatura em Jornalismo

**ANÁLISE DA QUALIDADE DA FOTOGRAFIA JORNALÍSTICA NA IMPRENSA
ESCRITA MOÇAMBICANA: caso dos semanários privados “Savana” e “Canal de
Moçambique**

Monografia apresentada na Escola de Comunicação e Artes, em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do Grau de Licenciatura em Jornalismo na Universidade Eduardo Mondlane.

Autor:

Evaristo Chilingue

Presidente de Júri

Supervisores: Mcs Tânia Machonisse e Adão Matimbe

Oponente:

Maputo, Dezembro de 2023

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, **Evaristo Fernando Chilingue**, estudante de curso de licenciatura em Jornalismo na Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), declaro por minha honra que o presente trabalho é resultado da minha própria investigação e nunca foi apresentado, na sua essência, para obtenção de qualquer grau acadêmico. Todos os métodos e fontes que serviram de base para a realização deste trabalho estão devidamente indicados no texto e referências bibliográficas.

Maputo, Dezembro de 2023

(Evaristo Fernando Chilingue)

DECLARAÇÃO DOS SUPERVISORES

Eu, **Tânia Machonisse**, docente do Departamento de Jornalismo, na Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), declaro que sou supervisora do Trabalho de Culminação de Curso, do estudante Evaristo Fernando Chilingue, para obtenção do grau de licenciatura em Jornalismo, intitulado: Análise da qualidade da fotografia jornalística na imprensa escrita moçambicana: caso dos semanários privados “Savana” e “Canal de Moçambique”.

(Tânia Machonisse)

Eu, **Adão Matimbe**, docente do Departamento de Jornalismo, na Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), declaro que sou supervisor do Trabalho de Culminação de Curso, do estudante Evaristo Fernando Chilingue, para obtenção do grau de licenciatura em Jornalismo, intitulado: Análise da qualidade da fotografia jornalística na imprensa escrita moçambicana: caso dos semanários privados “Savana” e “Canal de Moçambique”.

(Adão Matimbe)

Maputo, Dezembro de 2023

DEDICATÓRIA

À querida mãe, Anita Zefanias Cuinhane, a minha primeira professora!

AGRADECIMENTOS

À Deus Pai pela vida, protecção, sabedoria e, força para realização do presente trabalho. Aos meus familiares, com destaque para o irmão mais velho, Venâncio Chilingue, a prima Rofina Chau e a sobrinha Mira Machoco, vai um profundo agradecimento por todo o apoio para a materialização da presente pesquisa.

À todos os docentes do Curso de Jornalismo na Escola de Comunicação e Artes, da Universidade Eduardo Mondlane pelos conhecimentos transmitidos. O destaque vai para os mestres Tânia Machonisse e Adão Matimbe que, incansavelmente e com sabedoria, supervisionaram a materialização deste estudo.

Um bem-haja estende-se também aos meus amigos e colegas de curso, nomeadamente, Noel Pequenino, Sousa Licumba e Yana Mucuala, pela sua mão no processo de elaboração do presente trabalho.

As fontes de informação (entrevistados) desempenharam, igualmente, um papel relevante para a realização deste trabalho. O Destaque vai para os fotojornalistas da Sociedade do Notícias, Carlos Uqueio e Alfredo Mueche (este já reformado) com quem tive oportunidade de conversar na fase exploratória do trabalho. À eles vai também o meu muito obrigado.

Enfim, à todos que directa ou indirectamente deram a sua mão para a materialização da presente pesquisa, um bem-haja!

EPIGRAFE

“Não existe fotojornalismo sem texto.”

Jorge Pedro de Sousa

“O jornalismo é também um negócio. Todas as empresas jornalísticas, com a exceção das empresas públicas, enfrentam, a tirania do balanço económico final, ou seja, a comparação entre os custos e receitas. As receitas provêm essencialmente das vendas e publicidade.”

Nelson Traquina

RESUMO

A fotografia na imprensa escrita privada em Moçambique é várias vezes veiculada sem a qualidade jornalística necessária, o que, em última análise, afecta o produto final dos jornais, as notícias. A qualidade da imagem é afectada pelo fraco investimento financeiro para a produção fotojornalística e parcerias comerciais.

A presente pesquisa analisa até que ponto a qualidade da fotografia é afectada nos semanários privados, concretamente, nos jornais Savana e Canal de Moçambique. Procura esmiuçar, igualmente, os factores que influenciam para a fraca qualidade das fotografias.

Para a materialização dos objectivos, analisa quantitativa e qualitativamente uma amostra de 96 fotografias de ambos periódicos (48 para cada), seleccionadas num universo de 24 jornais de 2022, (um por mês) e, com base na amostragem por conveniência. Recorre à entrevista semi-estruturada aos fazedores das notícias para desvendar as razões que afectam a qualidade fotojornalística.

O estudo tem alicerces na Teoria Organizacional de Jornalismo, bem como na teoria sobre fotografia jornalística na imprensa escrita.

Palavras-chave: Fotografia Jornalística; Imprensa Escrita

ABSTRACT

Photography in the private written press in Mozambique is often published without the necessary journalistic quality, which, ultimately, affects the final product of the newspapers, the news. Image quality is affected by the low financial investment for photojournalistic production and commercial partnerships.

This research analyzes the extent to which the quality of photography is affected in private weeklies, specifically in the newspapers Savana and Canal de Moçambique. It also seeks to detail the factors that influence the poor quality of photographs.

To achieve the objectives, it quantitatively and qualitatively analyzes a sample of 96 photographs from both periodicals (48 for each), selected from a universe of 24 newspapers from 2022 (one per month) and based on convenience sampling. It uses semi-structured interviews with news makers to uncover the reasons that affect photojournalistic quality.

The study is based on the Organizational Theory of Journalism, as well as the theory on journalistic photography in the written press.

Keywords: Journalistic Photography; Written Press

ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	4
DECLARAÇÃO DOS SUPERVISORES	5
DEDICATÓRIA	6
AGRADECIMENTOS	7
EPÍGRAFE	8
RESUMO	9
ABSTRACT.....	10
CAPÍTULO I – APRESENTAÇÃO DO OBJECTO DO ESTUDO	14
1. Introdução	14
1.1. Delimitação do estudo.....	15
1. 2. Pergunta de partida.....	16
1. 3. Problemática.....	16
1.4. Hipóteses	19
1.5. Justificativa.....	19
1.6. Objectivos.....	21
Geral	21
Específicos.....	21
CAPÍTULO II - QUADRO TEÓRICA E CONCEPTUAL.....	22
2.1 Teoria Base	22
2.2 Fotografia jornalística na imprensa escrita.....	24
2.3 Definição de conceitos	26
a) Fotografia Jornalística	26
b) Imprensa Escrita.....	27
CAPÍTULO III - METODOLOGIA E TÉCNICAS DE PESQUISA	28
3.1. Amostra	29
CAPÍTULO IV – BREVE CONTEXTO DA IMPRENSA MOÇAMBICANA.....	31
4.1. Os primórdios da imprensa em Moçambique sob jugo colonial.....	31

4.2. Da independência do país à liberdade de imprensa.....	33
4.3. Fotojornalismo em Moçambique	35
4.4. Alicerces legais da imprensa em Moçambique	37
4.5. Surgimento do Jornal Savana.....	39
4.6. Historial do Jornal Canal de Moçambique	41
CAPÍTULO V - ANÁLISE DE CONTEÚDO	42
5.1. Explicação das categorias e subcategorias de análise.....	42
5.2. Interpretação de dados	44
5.3. Interpretação geral de dados por categoria de análise.....	45
5.4. Análise comparativa.....	49
5.5. Comparação entre fotografias generalistas e de suplementos	49
5.8. Comparação geral entre o Jornal Canal de Moçambique e Savana	51
5.9. Factores que afectam a qualidade da fotografia jornalística nos jornais analisados, segundo entrevistados	52
5.10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
5.11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61
5.12. ANEXOS	63

LISTA DE GÁFICOS

Gráfico nº.01: Resultados desagregados obtidos em cada categoria de análise	45
Gráfico nº.02: Há menos qualidade nas fotos de suplementos do que em generalistas.....	49
Gráfico nº.03: Em generalistas há mais fotos sem qualidade no Savana que no Canal.....	49
Gráfico nº.04: Em suplementos o Canal é que mais detrai a fotos em relação ao Savana.	50
Gráfico nº.05: No geral, o Canal é o que mais detrai fotografia jornalística que o Savana.....	51

CAPÍTULO I – APRESENTAÇÃO DO OBJECTO DO ESTUDO

1. Introdução

O presente trabalho de pesquisa em ciências de comunicação social visa analisar a qualidade informativa da fotografia jornalística na imprensa escrita semanal moçambicana, com enfoque para o jornal “Savana” e “Canal de Moçambique”. Influenciaram a escolha do tema, vários atropelos na publicação de fotografias jornalísticas, pelos referidos semanários. O agravante é que os atropelos verificados afectam, em última análise, a qualidade das notícias nos periódicos, pois a fotografia jornalística, é um elemento de capital importância, devido às suas diversas funções, como atrair o leitor ou cliente a chegar-se ao jornal e, acima de tudo informá-lo com maior brevidade, suportando-se logicamente do texto.

Os factores que afectam a qualidade fotojornalística são analisados qualitativa e quantitativamente, a partir de um universo de 48 edições de ambos jornais (24 para cada), publicadas no ano de 2022. A amostra é de 96 fotografias publicadas em artigos de destaque, tanto nas notícias, reportagens ou entrevistas generalistas, quanto em suplementos, por cada edição. Desse número, 48 são artigos noticiosos generalistas e as restantes são de suplementos. A selecção das unidades obedece à amostragem por conveniência. Para complementar a análise, recorre-se a entrevista semi-estruturada cujo principal objectivo é apurar as razões da fraca qualidade da fotografia jornalística nos referidos semanários privados.

Contudo, antes buscam-se fundamentos teóricos sobre o tema, recorrendo-se a Teoria Organizacional de Jornalismo defendida por Nelson Traquina e outras teorias sobre a fotografia jornalística, com destaque para a de Tavares e Vaz, em “Fotografia jornalística e mídia impressa: formas de apreensão; Jorge Pedro de Sousa em “Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media”, bem como de Anabela Gradim em “Manual de Jornalismo”, entre outros autores.

A pesquisa é subdividida em cinco capítulos. O primeiro apresenta a delimitação do estudo, nomeadamente, o problema, a problemática, os objectivos, hipóteses e a justificativa. Já, o segundo, aborda as teorias que fundamentam o trabalho. No terceiro capítulo consta a metodologia e técnicas da pesquisa. O penúltimo apresenta contextualizações sobre a imprensa e fotojornalismo em Moçambique e o historial dos jornais analisados e, o último capítulo versa sobre a análise de conteúdo e considerações finais.

1.1.Delimitação do estudo

O presente estudo visa analisar a qualidade informativa da fotografia jornalística nos semanários moçambicanos privados, concretamente Savana e Canal de Moçambique. A análise é comparativa, interna e externamente, entre os jornais. Na análise comparativa interna, verifica-se o nível da qualidade informativa da fotografia jornalística publicada em notícias “generalistas” e, de suplementos, neste caso, “Savana Eventos” e “Canal de Marcas”. Externamente, entre ambos Jornais. Ainda aqui importa sublinhar que, de entre vários ângulos da análise, este trabalho cinge-se à imagem e texto (títulos, legenda e *lead*).

Em termos de tempo, o estudo concentra-se no ano de 2022, por ser o mais actual. Os periódicos em questão são editados e largamente consumidos no Grande Maputo (Maputo Província e Capital), sul de Moçambique, mas abordam questões de todo o país e não só. Com base neste último pressuposto, o estudo foca-se, geograficamente, a analisar fotografias em notícias que versam sobre Moçambique, excluindo estrangeiras e/ou internacionais.

Quanto ao espaço, a análise é feita a partir de jornais físicos. A escolha dos Jornais Savana e Canal de Moçambique deveu-se ao facto de ambos serem os semanários mais antigos e de maior circulação no país. O Savana, pertencente ao grupo Midiacoop e circula desde 1994. O Jornal Canal de Moçambique surge em 2006 e pertence ao grupo Canal I. Os dois jornais estão sediados na Cidade de Maputo, capital do país, com delegações na Cidade da Beira, província de Sofala, centro de Moçambique.

Ainda sobre o espaço, na Cidade de Maputo entrevistam-se fotojornalistas, jornalistas e editores, um de cada órgão, para complementar o estudo.

Teoricamente, este trabalho orienta-se pela Teoria Organizacional de Journalismso defendida por Nelson Traquina (2005) bem como sobre os escritos de Tavares e Vaz (2005) sobre fotografias jornalísticas na imprensa escrita. O autor optou pela referida abordagem pelo facto de a mesma responder aos objectivos pretendidos neste trabalho. Para complementar a teoria de Tavares e Vaz, recorre-se também aos escritos do autor português Jorge Pedro de Sousa, entre outros autores devidamente citados.

1. 2. Pergunta de partida

Em que medida as fotografias publicadas pelo “Canal de Moçambique” e “Savana” possuem qualidade informativa?

1. 3. Problemática

Os jornais Savana e Canal de Moçambique publicam fotografias jornalísticas sem qualidade. Em muitos casos, os periódicos não adicionam legenda à fotografia, um dos principais elementos da fotografia jornalística. Nos casos em que a legenda é presente, nem sempre ela complementa a fotografia. Isto é, várias vezes, é notória a falta de relação entre a imagem e o texto nas publicações daqueles semanários.

Outra realidade que afecta a qualidade das fotografias veiculadas pelos semanários é o tamanho reduzido das imagens. Nas publicações daqueles jornais verifica-se o uso de fotografias de dimensão muito reduzida, semelhantes as de tipo “passe”, cuja qualidade informativa é significativamente menor. Geralmente essas imagens são inseridas dentro de notícias e reportagens e muitas vezes sem legenda.

Para além da legenda, dimensão, a actualidade é outra exigência à fotografia jornalística, como notícia. Todavia, nem sempre essa exigência é cumprida pelos Jornais em análise. Face a essas constatações questiona-se o rigor na publicação de fotografias jornalísticas pelo jornal Canal de Moçambique e Savana.

Se no cômputo geral o rigor na publicação de fotografias noticiosas é questionável, nos suplementos dos periódicos em análise, particularmente, a situação é ainda criticável. Em causa está o facto de os suplementos serem geralmente constituídos por notícias de empresas, marcas e pessoas singulares. Muitas vezes, estas entidades (que não têm domínio de matérias jornalísticas) é que produzem e mandam as notícias em *press releases* para as Redacções, cabendo os órgãos de comunicação, o mero papel de publicação fiel dos conteúdos. Fiel para não distorcer (ou deturpar) as notícias pagas pelos parceiros comerciais.

Esses indícios sobre a falta de qualidade na imprensa escrita saltaram à vista porque segundo Tavares e Vaz (2005, p.128), a fotografia jornalística é notícia que possui informação sobre algum acontecimento. Num artigo em que se debruçam sobre fotografia jornalística na

imprensa escrita, os aludidos autores assumem que, na sua missão de informar, “[...] no jornal, as imagens funcionam como ponte entre o acontecimento e o leitor, permitindo a esse imaginar o cenário e de alguma forma a acção que ali ocorre”. Sem legenda, as fotografias dos jornais em análise, não têm, certamente, o poder de agregar valor necessário às notícias veiculadas.

Para que a fotografia jornalística possa efectivamente informar, tanto Tavares e Vaz, como Jorge Pedro de Sousa concordam que ela deve ser acompanhada por texto. Sousa (2002, p. 76) afirma que “[...] não existe fotojornalismo sem texto”. Ora, no texto está a legenda, como se pode ver mais adiante.

Enquanto elemento complementar à fotografia jornalística, Sousa (idem) afirma que, o texto delimita na imagem a informação que deve ser consumida pelo leitor.

“Imaginemos a fotografia de um instante qualquer, por exemplo, de um instante de uma guerra. Essa fotografia pode ser extraordinariamente expressiva e tecnicamente irrepreensível. Mas se não possuir um texto que a ancore, a imagem pode valer, por exemplo, como símbolo de qualquer guerra, mas não vale como indício da guerra em particular que representa”, Sousa (2002, p.76).

Com esta asserção, o autor pretende transmitir que, sem texto, a fotografia é polissémica e, como consequência, não dá ao leitor a informação específica pretendida.

Para Tavares e Vaz (2005, p. 133), “existem basicamente três tipos de textos relacionados directamente à fotografia no contexto do jornalismo impresso: as manchetes (títulos e subtítulos), as legendas e o texto das matérias jornalísticas em si”.

Os títulos e legendas possuem papel decisivo na percepção da fotografia jornalística (Tavares e Vaz, 2005, p.133). A legenda é particularmente tida por Lima (*apud* Tavares e Vaz, 2005, p.133) como parte integrante de uma fotografia, por estabelecer uma relação entre a imagem e o texto, referindo-se ao facto e, portanto, ao espaço e ao acontecimento, de forma mais específica.

Embora a legenda seja crucial no entendimento de uma fotografia jornalística, nem sempre ela acompanha notícias publicadas nos semanários impressos moçambicanos, especificamente no Savana e Canal de Moçambique. No Savana, um caso concreto pode ser observado na edição 1274 publicado a 08 de 06 de 2018 página 04 do Suplemento “Savana Eventos”.

Nessa página o jornal Savana publica duas notícias cujas fotos não são acompanhadas por legendas. Outro aspecto que salta à vista é que os textos (títulos) excluem-se das fotografias. Na primeira notícia, o título diz: “Jorge Ferrão saúda Gapi”, mas a foto mostra apenas duas pessoas de sexos diferentes que exibem diplomas, aparentemente a um público. A notícia abaixo, tem como título: “Cornelder oferece produtos alimentares”. Lido o título, o leitor espera certamente ver na imagem os alimentos que a empresa oferece, mas na fotografia vê-se, no primeiro plano, uma menina a dançar e, no fundo, jovens aplaudindo e, outro, fazendo imagens. Para além da exclusão entre título e a fotografia, esta, não se faz acompanhar por legenda que neste caso iria comentar a dança da criança¹.

Outra realidade que detrai a qualidade das fotografias publicadas pelos periódicos é o tamanho reduzido das imagens. Nas publicações daqueles jornais (tablóides) nota-se o uso recorrente de fotografias muito miúdas de tipo “passe”, cuja qualidade informativa é significativamente menor. Ora, quanto menor for a dimensão da imagem, menor é a informação que ela transmite e, em última análise, menor é a sua importância no jornal.

“A importância de uma informação se avalia a partir do espaço e da localização que ela ocupa na página. Uma informação de um tamanho maior é mais importante que uma de tamanho menor [...]”, afirma Gunthert (*apud* Monteiro, 2016, p.74-75).

Se o tamanho adiciona valor à fotografia, nem sempre esses elementos são tidos em consideração em notícias publicadas pelos jornais Savana e Canal de Moçambique. Por exemplo, na página 11 do jornal Canal de Moçambique, edição 498 de 06 de Fevereiro de 2019, numa notícia intitulada “O silêncio (cúmplice) de Gamito e o segundo pedido de declaração de inconstitucionalidade”, vêem-se duas fotografias que embora acompanhadas por legendas (nomes de dois entrevistados), são pequenas e estáticas, ou seja, sem movimento que demonstre estarem a dar informação enquanto fontes².

Para além da legenda, dimensão, a actualidade é outra exigência à fotografia jornalística. Todavia, nem sempre essa exigência é cumprida pela imprensa. Uma análise feita por Joana França (2014, p.66), comportando uma amostra de 428 fotografias extraídas de três diferentes jornais impressos de Portugal (uns dos mais lidos), concluiu que apenas 33% são imagens actuais, contra 54% de fotografias de arquivo; os restantes 13% não comportam informação suficiente para determinar o tempo da fotografia, pelo que são classificadas como “não identificado”.

¹ Recorte do jornal em Anexo A.

² Ilustração disponível em Anexo A.

O recurso à fotografias de arquivo, não é exceção no Savana e Canal de Moçambique. No jornal publicado a 27 de Fevereiro de 2019, edição 501, o “Canal de Moçambique” escreve na página 02 e 04, o seguinte: “A zanga entre Guebuza e Nyusi e as teorias de envenenamento”. Apresenta 07 fotografias de arquivo, das quais 06 individuais e sem legenda e, uma principal, na qual vêem-se os sujeitos sorrindo (facto que contradiz o título) acompanhada pela legenda: “As relações entre Nyusi e Guebuza azedaram”, que também não traz nada de novo em relação ao título, ou seja, é meramente redundante³.

Perante esses cenários, questiona-se: em que medida as fotografias publicadas pelo Canal de Moçambique e Savana possuem qualidade informativa?

1.4. Hipóteses

1. Os jornais Savana e Canal de Moçambique publicam fotografias jornalísticas de qualidade, pois as empresas detêm meios suficientes para a produção fotojornalística;
2. Há fraca qualidade da fotografia jornalística no Savana e Canal de Moçambique por condicionantes organizacionais, como fraco investimento na produção fotojornalística e, compromissos comerciais.

1.5. Justificativa

A fraca qualidade das fotografias jornalísticas, cujo impacto influi automaticamente na redução da importância e poder informativo da imagem, é um problema actual na imprensa escrita moçambicana e, principalmente, semanal privada. Analisar o assunto, permite, por um lado, criticar o fenómeno, levando os fazedores da imprensa em questão a reflectir e solucionar o problema para proporcionar ao consumidor informação com maior rigor, contribuindo para uma sociedade bem informada. Por outro lado, enquanto estudo, uma análise do género visa produzir conhecimentos sobre o tema em causa para o consumo social, com destaque para a classe académica.

A propósito de conhecimento científico sobre a questão, Anabela Gradim (2000, p.69) realça que “depois dos títulos e ante títulos, as fotos e respectivas legendas são a segunda coisa a

³ Ilustração inserida em Anexo A.

que a esmagadora maioria dos leitores atentam no jornal”. A autora quer com isso sublinhar a importância de uma fotografia acompanhada de texto, com destaque para a legenda, por esses elementos serem cruciais no rápido consumo de notícias veiculadas na imprensa escrita. Todavia, no Savana e Canal de Moçambique, nem sempre esse rigor é observado, daí o estudo procurar analisar para perceber até que medida as fotografias publicadas pelos referidos periódicos em análise possuem qualidade informativa.

O estudo para a ciência e academia em Moçambique, é deveras importante devido a uma raridade de publicações científicas no país sobre a matéria. Por exemplo, numa busca que visava encontrar material científico nacional para o trabalho, o autor conseguiu o livro “O Pão nosso de cada noite”, publicado em 2004 pelo renomado fotojornalista, Ricardo Rangel. O livro, porém, não é científico, pois se cinge apenas a descrever a vida e obra do autor.

A obra contempla também fotografias tiradas no então Lourenço Marques, descrevendo disparidades entre a zona do caniço e do cimento; da economia da noite na cidade das acácias. Numa breve análise e, contra expectativas, nota-se das fotografias publicadas na obra, uma clara falta de legendas que permita diálogo entre as imagens e o leitor, dando informações sobre as circunstâncias exactas da sua captura, os sujeitos fotografados, facto que as torna polissémicas.

Para além da obra “O pão nosso de cada noite”, o autor visitou o livro “Fotojornalismo [OU] a Gramática das Sensações: Corpo. Imagem. Media”, um romance da autoria de Dionísio Bahule. Na obra o autor debruça-se sobre “fotografias verbais”, que certamente não são reproduzidas por meio de câmara, mas por meio de “linguagem”. Como é óbvio, esta é uma abordagem que passa muito ao largo dos objectivos deste estudo

Por não debater cientificamente a fotografia jornalística, como o título deixa transparecer, no próprio romance sublinha-se o seguinte:

“[...] Desengane-se o leitor que espera encontrar, na disjunção expressa pelo título, simplesmente uma dimensão conceptual dos seus termos. Pelo contrário, trata-se de uma aporia que acabará por definir o estilo do autor, abrindo espaço para discussões sobre os géneros do discurso, já que o engenheiro literário está ao serviço da especulação filosófica, tanto quanto o génio da análise está excepcionalmente lançado à imaginação”, Valéry (*apud* Bahule, 2019, p. 20).

Para além de obras literárias disponíveis em livrarias e bibliotecas, numa busca no acervo de monografias da Escola de Comunicação e Artes, também constata-se a raridade de trabalhos sobre a matéria. Das monografias verificadas, saltou à vista o trabalho intitulado “Fotografia Social da Prática Política na Imprensa Moçambicana (1994 -2008: Perda ou transformação identitária da Consciência cidadã), apresentado em 2008 por Agostinho Correia. Ora, contrariamente ao que o tema propõe, o trabalho visava “radiografar, problematicamente o estado da liberdade de imprensa e da cidadania, desde a assinatura do Acordo Geral de Paz, que pôs limite ao conflito civil moçambicano e daí deduzir o grau de democraticidade do Estado moçambicano” (Correia, 2008, p.VI).

Ainda assim, da busca conseguiu-se a monografia: “Análise da linguagem do fotojornalismo no diário Notícias, período de Janeiro à Março de 2018”, apresentado no referido ano por Alberto Tomás. O trabalho foi chamativo. No entanto, como se pode perceber a partir do título, visa analisar a linguagem fotojornalística num jornal diário, durante o primeiro trimestre de 2018. Trata-se de um objectivo contrário ao pretendido neste trabalho, que é analisar a qualidade informativa da fotografia jornalística publicada no Canal de Moçambique e Savana. Esses dados fundamentam a asserção de que há escassez de monografias sobre a qualidade da fotografia jornalística, na imprensa escrita, com foco nos semanários, daí a importância deste estudo.

Da parte dos periódicos, a pertinência desse estudo está no facto de os jornais em análise serem os maiores, mais antigos e principais semanários do país. Dados colhidos juntos dos periódicos indicam que o Savana e o Canal de Moçambique têm ambos uma tiragem semanal de 10 mil exemplares, contra três a quatro mil do jornal “Magazine Independente” fundado em 2007 e, três mil exemplares semanais disponibilizados pelo jornal “Zambeze”, que existe desde 2002.

1.6. Objectivos

Geral

Analisar a qualidade informativa da fotografia jornalística publicada no Canal de Moçambique e Savana.

Específicos

- Estabelecer a relação entre fotografias e texto (se há complementaridade ou exclusão);
- Avaliar o conteúdo das legendas publicadas nos semanários;
- Equiparar a qualidade da fotografia jornalística entre notícias “generalistas” e de suplementos de ambos Jornais;

CAPÍTULO II - QUADRO TEÓRICA E CONCEPTUAL

2.1 Teoria Base

Este trabalho tem como base a Teoria Organizacional de jornalismo, segundo a qual as notícias são resultado das condicionantes organizacionais, como as “hierarquias, as formas de socialização e aculturação dos jornalistas, a rede de captura de acontecimentos que o órgão jornalístico lança sobre o espaço, os recursos humanos e financeiros desse órgão, a respectiva política editorial”, entre outras condicionantes.

Segundo Nelson Traquina (2005, p.153), trata-se de uma teoria defendida pelo sociólogo norte-americano Warren Breed (1955), a partir do estudo intitulado “Controlo social da redacção: Uma análise funcional”, onde o autor sustenta que o jornalista se molda mais às normas editoriais da empresa em detrimento de qualquer crença profissional que carregue. Assim, observa-se que, na Teoria Organizacional, “é sublinhada a importância duma cultura organizacional, não uma cultura profissional” (idem).

Citando Breed (1955), Traquina detalha que há seis factores que levam o jornalista a submeter-se a cultura institucional da empresa. Desses factores, destaca-se a *autoridade institucional e as punições*. O estudo feito por Breed, concluiu que o medo a punições tem contribuído para que o repórter despir-se das suas ideologias e seguir a política editorial da empresa em que trabalha.

Das várias punições Breed aponta três, nomeadamente:

“1) as alterações das peças, por exemplo, a reescrita do texto ou a introdução de cortes no trabalho elaborado pelo jornalista; 2) a colocação [destaque] da peça no produto jornalístico [no jornal impresso, radiofónico, televisivo ou Web jornal], havendo consenso jornalístico que é melhor ter peça na primeira página do que nas páginas interiores; 3) a assinatura ou não da peça, havendo aqui também consenso entre os membros da tribo jornalística que a publicação do nome do jornalista é sempre desejável” (Traquina, 2005, p. 153-154)

Outro factor que leva o jornalista a aculturar-se na redacção é o *sentimento de obrigação de estima para com os superiores*. Parafrazeando Breed, Traquina (idem), explica que o repórter vê-se obrigado a se conformar com linha editorial da empresa para não decepcionar os jornalistas mais experimentados que o tenham ensinado. “Deve-se respeito aos jornalistas mais velhos que tenham servido de modelo aos caloiros ou que tenham, de qualquer outro modo, prestado ajuda. Tais obrigações e sentimentos calorosos para com os superiores têm um papel estratégico no seu ‘aliciamento’ para o conformismo”.

Aliado aos factores punições e, respeito pelos jornalistas mais velhos na organização, há ainda a condição do *Prazer da actividade*. Neste factor, Traquina (2005, p.154-155), detalha que o gosto pelo trabalho; as gratificações não financeiras como, ser o primeiro a saber; a obtenção de informações ‘secretas’ negadas a leigos; conhecer e conviver com pessoas notáveis, são também condicionantes para o conformismo do jornalista.

Traquina refere também que movido pelo prazer da actividade, onde recebe muitas gratificações satisfatórias, mesmo que não financeiras, o jornalista prefere se conformar com a política editorial para atingir suas *aspirações de mobilidade* laborais como lutar para alcançar uma posição de relevo na organização.

No seu estudo, Breed (*apud* Traquina, 2005, p. 155) concluiu ainda que o jornalista vê-se conformado a política editorial por priorizar o *Valor das notícias*. Quer dizer que, ciente da importância da notícia, o repórter investe grande parte do seu tempo para ir buscar o maior número de notícias, cumprir com o *deadline* etc., e não contestar a política editorial da empresa.

Segundo Traquina (2005, p. 158), a teoria organizacional também defende que as notícias são como são por influência de meios financeiros de que a organização dispõe. “O jornalismo é também um negócio. Todas as empresas jornalísticas, com a excepção das empresas públicas, enfrentam mais tarde ou mais cedo, a tirania do balanço económico final, ou seja, a comparação entre os custos e receitas. As receitas provêm essencialmente das vendas e publicidade” (idem).

Traquina explica que muitas das vezes, os jornalistas escrevem consoante os espaços em aberto deixados pela publicidade. Com isso, o autor enfatiza que, a empresa jornalística dá maior prioridade a publicidade donde vem a receita.

O autor vai mais longe. Escreve que seguindo a lógica do lucro, os gestores das empresas jornalísticas fazem grandes esforços para a maior utilização de conceitos económicos, como é o caso do recurso ao marketing. “Aqui a lógica é vender brinquedos, vídeos, enciclopédias, etc. e não informação” (Traquina, 2005, p. 159).

Para Traquina, é nesse todo esforço, que surge o sensacionalismo acentuado pela lógica da concorrência. “O jornalismo tem custos [...]. Devido aos custos e à lógica do lucro, são impostos constrangimentos ao trabalho jornalístico pelo orçamento da empresa [...]. [Como consequência], a produção das notícias é influenciada pela repartição dos recursos da empresa jornalística. Não é possível ir a todos os [os eventos] ” (idem).

O autor que temos vindo a referenciar acrescenta que os custos têm sido os principais motivos para os órgãos de comunicação social contratarem ou enviarem correspondentes para estrangeiro, bem como na assinatura de serviços especiais de agências de informação. Aqui importa ressaltar que, na maioria das vezes, os *news promoters* (cientes da incapacidade financeira das empresas) é que se responsabilizam por toda logística dos reportes, desde o transporte, acomodação, alimentação, até o *per diem*.

2.2 Fotografia jornalística na imprensa escrita

A despeito dos condicionalismos, editoriais e financeiros da empresa jornalística, a fotografia na imprensa, principalmente escrita, tem as características que devem ser observadas. Aqui pretende-se debruçar sobre essa questão, recorrendo os escritos sobre a matéria feitos por Tavares e Vaz (2005). Para complementar Tavares e Vaz, recorre-se também aos escritos do autor português Jorge Pedro de Sousa (2005). Há, porém, menção de outros autores, devidamente citados, mas o destaque vai para os dois primeiros. A escolha desses autores deve-se ao facto de as suas teorias responderem aos objectivos deste estudo.

Os dois referidos autores são unânimes em afirmar que a fotografia jornalística é notícia que possui informação nova e de interesse comum. O ofício que se dedica à produção de fotografias informativa é o fotojornalismo. Sousa (*apud* Tavares e Vaz, 2005, p.127) define este conceito, no sentido lato, como uma actividade “de realização de fotografias informativas, interpretativas, documentais ou ‘ilustrativas’ para a imprensa ou projectos editoriais ligados à produção de informação de actualidade”.

No sentido restrito, o mesmo autor entende o fotojornalismo como actividade que “[...] pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de

vista (‘opinar’) através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico” (idem).

Este último conceito enquadra-se (perfeitamente) nos principais papéis da imprensa (escrita): informar, formar e fomentar a opinião pública, contribuindo deste modo no aperfeiçoamento das democracias.

Entretanto, para que a fotografia jornalística possa reunir todas as características aludidas (que lhe permitem informar com maior rapidez), precisa agregar elementos, internos e externos à ela para lhe conferir sentido. Dos primeiros destaca-se o enquadramento, planos, ângulos, composição e externos, diagramação e texto.

Este trabalho cinge-se ao texto, desde notícias, entrevistas até reportagens sobre Moçambique. Dentro da relação entre fotografia e texto, há o enfoque nas manchetes, títulos, legendas e *lead*, pois é nele onde se resume o núcleo duro da notícia ou reportagens. Com esta asserção corrobora Anabela Gradim (2000, p.69) e, sublinha que [...] “estudos realizados sobre esta matéria provam que depois dos títulos e antetítulos, as fotos e respectivas legendas são a segunda coisa a que a esmagadora maioria dos leitores atendem no jornal”.

Jorge Pedro de Sousa (*apud* Tavares e Vaz, 2005, p.133) afirma categoricamente que “não existe fotojornalismo sem texto” e, tantos outros autores compartilham a mesma ideia. De entre eles, Sontag (1981), Roland Barthes (1984, 1990), Adriano Duarte Rodrigues (1994).

De entre várias funções, o texto serve para “analisar, interpretar e/ou comentar a fotografia e/ou o seu conteúdo”. Serve igualmente para “complementar informativamente a fotografia, [...] devido à incapacidade que a imagem possui de mostrar conceitos abstractos” (Sousa, 2002, p. 77).

À ideia de Sousa acresce-se a perspectiva de Roland Barthes (*apud* Tavares e Vaz, 2005, p. 133), segundo a qual, o “texto verbal funciona como método de conotação da imagem fotográfica”. «Não é somente a imagem que ilustra a palavra e contribui para a denotação desta. Há uma inversão de papéis».

O texto serve ainda para “ancorar o significado da fotografia [...], direccionando o leitor para aquilo que a fotografia representa”, diz Sousa (2002, p.76). De facto, o texto precisa definir na fotografia aquilo que o jornalista pretende transmitir, evitando deste modo, várias interpretações (já que permite) que dela se possam fazer.

Os títulos e legendas possuem papel decisivo na percepção da fotografia jornalística (Tavares e Vaz, 2005, p.133). A legenda particularmente, é tida por Lima (*apud* Tavares e Vaz, 2005, p.133) como parte integrante de uma fotografia, por estabelecer uma relação entre a imagem e o texto, referindo-se ao facto e, portanto, ao espaço e ao acontecimento, de forma mais específica” e, deste modo, informar o leitor com maior brevidade.

Ao referir-se à função da legenda, Schaeffer (1996, p. 09-94) diz que esta “não serve para legitimar uma imagem, mas contextualizar, o momento da tomada fotográfica e identificar pessoas, eventos, locais e datas (ou seja, fornecer dados para o descrito específico) ”, tudo para informar com maior rapidez, o leitor sem tempo para ler “centenas” de caracteres do texto-notícia ou reportagem.

A legenda de uma fotografia é tradicionalmente neutra e informativa. Traz nome, data, local e assunto fotografado. Da mesma forma, como um telespectador acredita no que vê na televisão, acompanhando dos comentários de um narrador, um leitor imagina o facto a partir da fotografia que acompanha o texto (Barthes *apud* Giacomelli, 2008, p. 31).

Em fim, o texto é sem reservas, um elemento complementar e indispensável da fotografia jornalística na imprensa escrita, ou vice-versa. Mas Martine Joly (*apud* Tavares e Vaz, 2005, p. 133) afirma que “a relação entre imagem e texto é, na maioria das vezes, abordada em termos de exclusão (como excludentes) [...], raramente em termos de complementaridade”, uma realidade que dificulta o leitor o consumo rápido do conteúdo publicado.

2.3 Definição de conceitos

Neste trabalho discute-se essencialmente em torno de dois principais conceitos, nomeadamente fotografia jornalística e imprensa escrita. Para torná-los inteligíveis a seguir faz-se a sua definição.

a) Fotografia Jornalística

Fotografia é uma palavra grega composta por duas palavras “fóthos”, luz e “graphis” que significa grafia, escrita, desenho. Portanto, fotografia é uma técnica de gravação de imagens por meios mecânicos e químicos ou digitais, numa camada de material sensível à exposição luminosa (Lucena *at all*, 2015, p.65).

A base da invenção da fotografia assenta-se na câmara escura, aparelho óptico baseado no princípio de mesmo nome. Ela é constituída por uma caixa com um orifício no canto, onde a luz de um lugar externo passa pelo mesmo e atinge uma superfície interna, no qual é reproduzida a imagem invertida. De entre várias figuras, destaca-se Aristóteles o descobridor do aparelho, no século IV a.C⁴.

Entretanto a invenção da fotografia atribui-se à Nicéphore Niépce que em 1826 produz a primeira fotografia reconhecia historicamente. Coube a Daguerre, porém, em 1839, desenvolver os trabalhos de Niépce, inventando o daguerreótipo, processo que permitiu a durabilidade da imagem fotografada, bem como diminuir o tempo de revelação, de horas para minutos (Lucena *at all*, 2015, p.66).

Segundo Sousa (2002, p.13) a fotografia nasce num ambiente positivista, por isso que “já foi encarada quase unicamente como o registo visual da verdade. Foi nesta condição que foi adoptada pela imprensa”.

Apesar do potencial informativo da fotografia, Hicks (*apud* Sousa, 2002, p.13), reconhece que os editores de jornais resistiram durante bastante tempo a usar imagens fotográficas, alegadamente porque a informação fotográfica não era séria e que as fotografias não se enquadravam nas convenções e na cultura jornalística dominante.

Mas segundo Baynes (*apud* Sousa, 2002, p.13) foi a partir de 1904 com o aparecimento do primeiro tablóide fotográfico, o Daily Mirror que se assiste a “uma mudança conceptual: as fotografias deixaram de ser secundarizadas como ilustrações do texto para serem definidas como uma categoria de conteúdo tão importante como a componente escrita.” Esta é uma concepção ainda aceita hodiernamente.

De facto a fotografia tem hoje, no jornal, um valor muito importante, pois com base nela, o jornalista dá credibilidade à sua matéria, para além de que é a mesma que atrai o leitor e, devido a sua capacidade informativa, permite o consumo rápido das informações nelas condensadas.

Na imprensa escrita o ramo que se dedica à produção de fotografias jornalísticas (ou informativas) chama-se Fotojornalismo.

b) Imprensa Escrita

⁴ Disponível em <http://www.sbfisica.org.br/fne/Vol8/Num2/v08n02a05.pdf>, acesso a 21 de Agosto de 2021

O conceito Imprensa é para Sousa (2006, p. 541) polissémico. Por um lado pode designar “meios jornalísticos ou o jornalismo no seu conjunto” e, por outro “tipografia ou conjunto das publicações impressas”. Contudo, para este trabalho, interessam-nos os dois últimos.

Assim, definiríamos imprensa escrita como publicação periódica impressa (neste caso, o jornal) que visa principalmente informar sobre factos actuais um público heterogéneo.

Como o próprio nome indica, este tipo de imprensa, assenta-se na escrita, forma de comunicação que segundo Hohlfeldt (*apud* Sousa, 2006, p. 130) foi inventada por “sumérios cerca de 3.500 anos antes de Cristo”. Paulatinamente a escrita foi desenvolvendo e se alastrando pelo mundo, principalmente na Europa e Ásia.

Com base nos escritos de Sousa (2006) depreende-se que foi nos países europeus que a imprensa escrita dá os primeiros passos. Foi na Grécia, por exemplo, onde surgem as Efeméride, documentos que segundo o autor são considerados “antepassados mais remotos dos jornais”. Neles “os antigos gregos fixavam para a posteridade e para disseminação no espaço grego os relatos dos principais acontecimentos que afectavam a vida das suas cidades-estado”. E influenciados pelos gregos, os romanos impostos pelo imperador Júlio César, provavelmente 69, a. C, fazem surgir os considerados “segundo dos antepassados mais remotos dos jornais, as Actas – registos dos debates no Senado com a obrigação de serem publicamente difundidos”. «Com o passar dos anos, as Actas sofreram uma evolução, passando a incluir notícias sobre os actos públicos do imperador, as vitórias militares, factos da vida civil, etc., o que as aproximou mais do figurino dos jornais modernos» (Sousa, 2006, p.134).

Mas foi a partir do século XV, que a imprensa escrita assiste a um grande desenvolvimento, com a invenção, por Johann Gutenberg, da Prensa Tipográfica, por volta de 1440-1450. Com este dispositivo o jornal passou a ser impresso e disseminado massivamente, bem como outros projectos editoriais, com destaque para revistas, livros, etc., que em grande medida impulsionaram a socialização dos povos.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA E TÉCNICAS DE PESQUISA

Para analisar a qualidade informativa da fotografia jornalística publicada nos jornais Canal de Moçambique e Savana recorre-se, quanto à abordagem, à pesquisa qualitativa e quantitativa (ou mista), visto que suas abordagens são adequadas para a consecução dos objectivos da

pesquisa. O quantitativo preocupa-se com os dados numéricos, enquanto o segundo é aquele que se preocupa em abordar o objecto em si, sem se deixar influenciar pelo quantificável. Fonseca (*apud* Gerhadit e Silveira, 2009, p. 33), sumaria que a utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

Quanto à natureza do estudo, segue-se uma pesquisa aplicada, que de acordo com Gerhadit e Silveira (2009, p. 35) objectiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos, envolvendo verdades e interesses locais.

No que toca aos objectivos, esta pesquisa mostra-se exploratória. Caracteriza-se por apresentar maior familiaridade com o problema visando torná-lo mais explícito. Segundo os autores anteriormente citados, a pesquisa exploratória envolve três elementos, nomeadamente o levantamento bibliográfico, entrevistas com sujeitos que experimentaram o problema pesquisado e, por fim, analisa casos concretos para estimular a compreensão. Em suma, Gerhadit e Silveira (2009, p. 35) afirmam que esse tipo de pesquisa pode também ser classificado como bibliográfica e estudo de caso.

Em relação aos procedimentos, esta pesquisa é do tipo estudo de caso. Parafraseando João da Fonseca, em “Metodologia da pesquisa científica”, Gerhadit e Silveira (2009, p. 39) explicam que:

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objecto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe [...]. (Fonseca, 2002, p. 33).

3.1. Amostra

Constitui população da pesquisa, 48 edições de ambos jornais (24 para cada), publicadas no em 2022. A amostra é de 96 artigos em notícias e/ou reportagens ilustradas por fotografias. A selecção das unidades obedece à amostragem por conveniência. Segundo Gil (2008. p.113) para efectuar a escolha da amostra, procede-se à selecção dos elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo.

Guiados pela amostragem, são seleccionadas quatro (04) fotografias por cada edição, duas de destaque nas notícias generalistas e as restantes, destacadas em artigos publicados em suplementos. Partindo dessa base, 48 (50% da amostra) são notícias ou reportagens generalistas e a outra metade são artigos de suplementos.

Em linha com a amostragem, as fotografias analisadas são de edições publicadas na primeira e segunda semana de cada mês, com a excepção do mês de Outubro, para o caso do Jornal Savana, que a edição é da terceira semana, por indisponibilidade da edição conveniente no arquivo consultado.

Após a recolha e organização do material de análise procede-se à análise de conteúdo, método de pesquisa que “consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação” (Leville e Dione, 1999. p. 214). Durante o processo, busca-se classificar o material em categorias que auxiliam na compreensão dos conteúdos.

Para a verificação das hipóteses, definem-se como categorias, os seguintes elementos: Fotografia e legenda; Teor da legenda; Relação fotografia e texto; Tamanho da fotografia e Tempo da fotografia. Estas categorias são acompanhadas por subcategorias devidamente detalhadas na análise de conteúdo. As categorias e subcategorias são distribuídas numa tabela.

A tabela da análise será subdividida em quatro trimestres tendo em conta que a amostra foi extraída num ano (2022). Dentro desses trimestres, a distribuição dos objectos analisados é feita de mês em mês, seguindo uma ordem crescente (de Janeiro a Dezembro). Importa ainda sublinhar que, primeiro são analisadas fotografias em artigos generalistas e logo em baixo, as de suplementos. Antes da descrição do objecto, é indicado o nome do Jornal e sua respectiva data.

Em casos em que não seja possível encontrar fotografias nos artigos convenientes, recorre-se a notícias ou reportagens localizados imediatamente logo depois do destaque. Se mesmo assim não for possível encontrar fotos por analisar, a compensação é feita na edição seguinte.

No fim da tabela constam dados totais (de aspectos negativos e positivos sobre a qualidade da fotografia), subdivididos em generalistas, suplementos, com vista a facilitar a análise comparativa interna e entre os jornais.

Por fim recorre-se à técnica da entrevista semi-estruturada, cujas fontes são jornalistas e fotojornalistas dos jornais analisados. Leville e Dione (1999, p. 188) descrevem este tipo de entrevista com aquela que apresenta uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento.

CAPÍTULO IV – BREVE CONTEXTO DA IMPRENSA MOÇAMBICANA

4.1. Os primórdios da imprensa em Moçambique sob jugo colonial

A imprensa moçambicana iniciou durante a colonização portuguesa na segunda metade do século XIX, e teve em João Albasini e seu irmão, José Albasini, os pioneiros em seu desenvolvimento. João Albasini, especialmente, é considerado o primeiro jornalista de Moçambique. Criou os jornais *O Africano* e *O Brado Africano*, nos anos 1908 e 1919 respectivamente, geridos pela empresa Grêmio Africano. *O Brado Africano* é considerado o jornal onde os principais escritores de Moçambique começaram a publicar seus textos.

Segundo Hohlfeldt e Grabauska (2010, p. 199), citando Ilídio Rocha (1973), desde jovem, João Albasini começou a escrever em jornais, como o *Vida Nova* e o *Diário de Notícias*, de que saíria para fundar, em 1908, *O Africano* e, depois de vendê-lo ao padre José Vicente do Sacramento, também fundou, em 1919, *O Brado Africano*.

De acordo com os escritos de Hohlfeldt e Grabauska (2010, p. 201), o *Africano* mantinha uma página redigida em landim ou língua *ronga*, o que logo o tornou extremamente popular. Além de Moçambique, também era lido nas minas do Transval, em que laborava força indígena moçambicana, valendo-se, para tal, especialmente, dos préstimos de um sacerdote, o Padre José Vicente do Sacramento (era missionário nas terras do Rand e Transval), que depois viria a adquirir o periódico.

Os autores sublinham que *O Africano* foi o primeiro jornal de Lourenço Marques a contar com um serviço telegráfico desde Lisboa, através da agência Havas, a que depois somou os serviços da Reuters, até então exclusividade do *The Guardian*, que se publicava, em inglês, em Lourenço Marques. O jornal teria chegado a ser editado bissemanalmente, durante certo período, e durante a I Grande Guerra, graças aos boletins especiais que transmitia, chegou a ser trissemanal.

O periódico, no entanto, depois de vendido perdeu a sua linha editorial original e começou a enfrentar a competição de uma nova publicação que os irmãos Albasini fundaram imediatamente, com o dinheiro que haviam recebido no negócio com o religioso, O Brado Africano. Assim, em 1920, desacreditado, O Africano deixou de circular e o sacerdote, aliás, trasladou-se para Portugal, bastante rico, fazendo doações à igreja, para ser perdoado (o sacerdote era inclusive casado!) (Hohlfeldt e Grabauska, 2010, p. 201).

Quanto a O Brado Africano, os autores contam que é resultado da associação de João e José Albasini com Estácio Dias, outro mestiço, funcionário da Fazenda. O primeiro número do jornal aparece em 24 de Dezembro de 1918, também enquanto “número programa”. O jornal logo se instala e a sua tipografia no Grêmio Africano, ainda em organização. O periódico é propriedade da Empresa do Jornal O Brado Africano, como se lê em seu cabeçalho. Essa situação vai modificar-se por volta de 1920, quando o jornal se torna porta-voz oficial do Grêmio Africano e sua propriedade, pelo menos, até 1932, quando uma crise afectará a publicação (Zamparoni, s/d) e sua relação com a instituição.

O Brado Africano também será um semanário e, do mesmo modo que O Africano, publicará uma página em landim. Dirigia-se, pois, claramente, à população mestiça alfabetizada e aos poucos negros que soubessem ler ou brancos que se interessassem por suas informações e polémicas (Rocha, 2000, pp. 120 e ss.)

A importância de O Brado Africano é incontestável. Foi em suas páginas que Rui Noronha publicou seus primeiros poemas. Ele estreia no jornal aos 17 anos de idade, em 1932, com uma série de crônicas. Depois da divisão no seio do Grêmio Africano, com repercussão no jornal, diminui sua colaboração, mas não se ausenta. Também o poeta José Craveirinha começou a divulgar seus poemas, na década de 40, no mesmo jornal.

Nos anos de 1950, um jovem de 19 anos, Marcelino dos Santos, residindo em Lisboa, escreve para O Brado Africano destacando seu papel de divulgador da cultura moçambicana. Era, nada mais, nada menos, que o filho de Firmino dos Santos, que também havia-se iniciado ainda aos tempos de O Africano. Quando Rui Noronha vem a falecer, em 1943, é ainda O Brado Africano que publica seu obituário, lembrando que ele “proclamara o direito de cidadania dos nativos”.

Em síntese, Hohlfeldt e Grabaska, 2010, p. 208) referem que pode-se dizer que João Albasini foi verdadeiramente o primeiro jornalista de Moçambique; foi, também, autor de obra literária que divide períodos na formação daquela literatura, da mesma maneira que ajuda a constituí-la, publicando os primeiros escritores do país. Militante, defendeu a cidadania do

indígena e do mulato, deu especial atenção à posição social da mulher e reconheceu, na educação, o elemento dinamizador de civilização.

4.2. Da independência do país à liberdade de imprensa

Segundo Eduardo Namburete (2003, p. 26), com a independência proclamada em Junho de 1975, a censura prévia imposta pelo regime fascista português foi abolida na comunicação social em Moçambique, o que deu lugar a fase de desregulamentação do sector. Entretanto, segundo o referido autor, a imprensa em Moçambique continuou a ser controlada pelo partido Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), que assumiu o poder imediatamente à independência.

Depois do derrube do colonialista, Namburete (2003, p.26) refere que se seguiu uma etapa marcada por lutas intensas entre os editores que serviam linhas editoriais comprometidas com o regime fascista e os que clamavam por uma imprensa livre, democrática e independente.

O Governo da nova República cria o Ministério de Informação que assume como tarefas difundir uma informação de carácter nacional, coordenar a actividade da comunicação social sob orientação do partido FRELIMO, e formar o jornalista moçambicano numa perspectiva popular revolucionária.

A partir dessa altura, indivíduos de confiança do partido FRELIMO passam gradualmente a dirigir os principais órgãos de informação. Tais questões organizacionais visavam transformar conteúdos e técnicas da informação de natureza colonial-burguesa em comunicação de massas, na perspectiva ideológica de orientação socialista promovida pela FRELIMO.

O artigo 79 da Constituição de 1975 revogava toda a legislação anterior, de tal forma que a Lei de imprensa do período colonial deixava de ser aplicada, assim não tendo sido aprovada nenhuma lei nova para o sector, a actividade reguladora executada pelo Ministério da Informação, passa a ser orientada por seminários dirigidos pelo Departamento do Trabalho Ideológico da FRELIMO e pelo próprio Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal Samora Moisés Machel, Namburete (2003, p. 28)

Segundo o autor em referência, Samora estabeleceu que a informação deveria desenvolver um papel fundamental na criação do “Homem Novo”, o que só aconteceria se os trabalhadores de informação se engajassem na sua própria transformação, assumindo ao nível

das ideias, do trabalho, da vida, do comportamento, os valores do homem socialista. Para tal dar-se-ia uma atenção particular ao enquadramento político dos jornalistas, intensificando a implantação das estruturas do Partido nos órgãos de informação.

Contudo, de acordo com análises feitas pelos próprios profissionais, a que Namburete (2003, p.30) teve acesso, consideraram que apesar de esforços a toda a gente, dominava uma informação qualificava como cinzenta, porque dominava a reprodução do discurso político do dirigente máximo do partido e do Estado e, porque também a atitude dos jornalistas a de simples porta-vozes dos actos oficia.

Todavia, o autor que temos vindo a citar refere que o controle dos meios de comunicação pelo partido FRELIMO e pelo então Presidente da República, Samora Machel viria a ser profundamente alterado no início da década de 90, quando em Fevereiro de 1990, um grupo de jornalistas (Albino Magaia, Carlos Cardoso, Kok Nam, Fernando Lima, Leite de Vasconcelos, Ricardo Rangel), promoveu um histórico abaixo-assinado, visando no quadro do de debate do anteprojecto da Constituição da República, incluir na Lei na Fundamental, o direito do povo à Informação, ponto omissos no anteprojecto. Esse abaixo-assinado foi apresentado ao Presidente da República e remetido há Assembleia da República e introduzido no texto constitucional.

Cerca de 27 anos depois da independência nacional, Namburete (2003, p. 31) conta que o sector da comunicação social apresenta um quadro diferente do de há 10 anos, como resultados das mudanças estruturais que se verificaram no país, quer no campo político, quer no campo económico. Das várias mudanças, o aludido autor destaca a abolição do Ministério de Informação e a criação, no seu lugar, do Gabinete de Informação, adstrito ao Gabinete do Primeiro Ministro, a abertura do país à economia do mercado, em 1989, quando o Governo renuncia formalmente ao marxismo e a aprovação da nova Constituição da República de 1990, e aprovação da Lei de Imprensa de 1991, que de entre vários aspectos, abre espaço para a existência de novos tipos de propriedade no país, tais como privados, públicos e mistos. É o caso do Midiacoop, uma cooperativa de jornalistas, que antes serviam aos meios governamentais, que em 1992 lançou o Midiafax, um diário distribuído via fax e, mais tarde em 1994, o Jornal Savana (objecto de estudo deste trabalho e cujo historial será desenvolvido mais adiante).

Posteriormente assistiu-se a uma proliferação dos media, principalmente da imprensa escrita. Citando dados do Gabinete de Informação, Namburete (2003, p. 32), contabilizou que até

2002, existiam no país 230 órgãos de informação escrita. De 2002 a 2023 corrente, o número cresceu, certamente, com destaque para a imprensa televisiva, impulsionada pela migração digital e Web Jornais.

O autor que temos vindo a citar, critica que apesar do boom, há maior concentração dos media na capital do país, Maputo, com a excepção da Rádio Moçambique (RM), Televisão de Moçambique (TVM) e o Instituto de Comunicação Social (ICS), órgãos públicos que têm representações em todas as províncias. Como consequência desse facto, os media tendem a priorizar noticiar assuntos que acontecem na capital e, arredores, concretamente na província de Maputo.

Outra crítica apresentada pelo aludido autor tem que ver com a pouca abertura de espaços para a manifestação de ideias do público, pois no seu entender os meios de comunicação social privilegiam a classe política.

Segundo Namburete (2003, p.33-34), na imprensa as questões nacionais não são debatidas na perspectiva do público, mas sim, na dos partidos políticos – com os órgãos de comunicação independentes dando mais voz aos partidos de oposição e os públicos privilegiando os posicionamentos do partido no poder e administração vigente. Para o aludido autor, essa situação tem levado a que a sociedade diminua a sua confiança nos meios de comunicação moçambicanos, sobretudo nos públicos.

4.3. Fotojornalismo em Moçambique

Do historial⁵ do jornal “Notícias”, o mais antigo do país, circulando desde 1926, consta que a 02 de Fevereiro de 1929, o periódico tornou-se o primeiro, em todas as colónias portuguesas, a inserir uma fotografia, facto considerado histórico na altura por significar uma evolução tecnológica ímpar na região.

Entretanto, nos últimos anos várias fontes, desde escritas até orais (de profissionais do subsector) são unânimes em afirmar que o pioneiro do fotojornalismo em Moçambique é o fotojornalista Ricardo Rangel que nasceu em 1924, em Lourenço Marques, hoje Maputo. Segundo Bruna Triana (2017, p. 273-279), mestiço, Rangel viveu entre a “cidade de caniço”

⁵ Disponível em <https://jornalnoticias.co.mz/sobre-nos/sociedade-do-noticias-s-a/sobre-nos/> e visitado a 12 de Agosto de 2023

(negra) e a “cidade de cimento” (branca). Iniciou sua relação com a fotografia em meados dos anos 1940, como auxiliar em um estúdio no então Lourenço Marques.

A autora conta que em 1952, o fotojornalista foi contratado pelo jornal Notícias da Tarde, sendo o primeiro não branco a trabalhar para um periódico do país. Triana refere que a consolidação profissional de Rangel pode ser sintetizada no período entre as décadas de 1950 a 1970, quando passou por jornais importantes, como Diário de Moçambique e A Tribuna – este último, uma experiência fundamental para o desenvolvimento de sua carreira profissional como fotógrafo, lembrada por quase todos os autores dos artigos que compõem o livro.

Em 1970, juntou-se a alguns amigos jornalistas e fotógrafos – como José Mota Lopes e Rui Cartaxana – para, então, fundar o famoso semanário Tempo, que actuou como uma publicação importante de oposição ao governo colonial português e com uma proposta inovadora para a imprensa da época – tratava-se de uma revista com uma proposta editorial e gráfica vanguardista, de capa colorida, repleta de fotos, reportagens especiais e artigos de opinião, (Triana, 2017, p. 273-279).

Já na década de 1980, escreve a autora, Rangel fundou o Centro de Documentação e Formação Fotográfica (CDFF) e a Associação dos Fotógrafos Moçambicanos (AFM), locais onde se encontra seu acervo. Faleceu em 2009, em Maputo, tendo um funeral com honras de Estado e ao som de Charlie Parker, tal qual desejara. Entretanto, cinco anos antes da sua morte, em 2004, Rangel publicou o livro “O pão nosso de cada noite” composta essencialmente por fotografias da sua autoria.

Segundo Triana (2017, p. 273-279), trata-se de uma série fotográfica sobre a “economia da noite” de Lourenço Marques e a dinâmica do encontro entre o caniço e o cimento. A autora refere que a obra mereceu uma análise feita pela historiadora Patrícia Hayes (2014, p. 65-66) que consistiu em fazer um cruzamento de olhares, os movimentos que as imagens dessa série possuem e como essas fotografias da noite e da boémia – em que a ordem racial e colonial era posta em xeque – dilatam as áreas do que pode ser visto e dito.

Além desse livro, um grupo de amigos, com destaque para os escritores Luís Bernardo Honwana, Calane da Silva, Nelson Saúte publicaram em 2014 o livro “Ricardo Rangel: insubmisso e generoso”, uma obra que resulta do “Projecto Ricardo Rangel”, iniciativa do Centro Cultural Kulungwana, cujo intento foi divulgar e estudar a obra do fotógrafo a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Para Triana (2017, p. 273-279), o livro traz em detalhes os debates e as reflexões levadas a cabo pelo projecto, com artigos memorialísticos e académicos sobre a vida e a obra do fotógrafo Ricardo Rangel.

Entretanto, a autora critica que:

“O livro, em si, que conta com 18 fotografias de Rangel, não traz legendas nas imagens, tampouco datas ou locais. Esse é um aspecto, diga-se, problemático da colectânea, algo que deve ser levado em consideração, na medida em que, para ver as imagens, assim como quando se lê um texto, é necessário um contexto ou ao menos algumas pistas, de modo que o leitor possa se localizar e, mais que isso, que ele possa situar as imagens”, (Triana, 2017, p. 273-279).

A aludida autora vai longe, na sua crítica à falta da legenda. Afirma que apesar de os artigos trazerem muitas informações e dados sobre o contexto da vida e obra de Ricardo Rangel – algo importante, visto a escassa produção analítica sobre essa importante personalidade da história moçambicana –, não há um diálogo directo com as fotografias que compõem o livro; e, com a falta de informações sobre as imagens, é difícil para o leitor precisar devidamente os momentos em que elas foram capturadas e, com efeito, desvendar seus mistérios e opacidades, suas mensagens e lacunas.

Com base nessa crítica, pode depreender-se que a falta de acasalamento entre a fotografia e o texto é um problema antigo e, nesse trabalho, procura-se perceber em que medida o facto afecta a qualidade na imprensa escrita privada moçambicana, concretamente nos jornais Savana e Canal de Moçambique, bem como desvendar as razões dessa prática e tantos outros males devidamente apresentados na problemática.

4.4. Alicerces legais da imprensa em Moçambique

A comunicação social em Moçambique encontra alicerces na Lei n.º 18/91, de 10 de Agosto (Lei de Imprensa), que define os princípios que regem a actividade da imprensa e estabeleceu os direitos e deveres dos seus profissionais no nosso país. A referida Lei é o alargamento dos dispostos no artigo 48, da Constituição da República de Moçambique (Lei n.º 1/2018 de 12 de Junho) que versa sobre o direito à liberdade de expressão e à liberdade de imprensa, bem como o direito à informação. Ora, os meios de comunicação social desempenham um importante papel na materialização destes direitos individuais e colectivos consagrados na lei fundamental.

No seu artigo primeiro, a aludida Lei n.º 18/91, de 10 de Agosto, define imprensa os órgãos de informação cuja actividade principal é a recolha, tratamento e divulgação pública de

informação, sob a forma de publicações gráficas, rádio, televisão, cinema ou qualquer reprodução de escritos, som ou imagem destinada à comunicação social.

A Lei de Imprensa define jornalista, no seu artigo 26, todo o profissional que se dedica a pesquisa, recolha, selecção, elaboração e apresentação pública de acontecimento sob forma noticiosa, informativa ou opinativa, através dos meios de comunicação social, e para quem esta actividade constitua profissão principal, permanente e remunerada.

Desde 2006 a Lei de Imprensa encontra-se em revisão, para se ajustar ao actual contexto político, social e tecnológico do país. A proposta do novo regime jurídico vem ampliar o seu âmbito da lei, de modo a abranger outros tipos de meios de comunicação social, para além dos jornais e outras publicações periódicas escritas, o que dita a mudança de sua designação, passando da actual Lei de Imprensa, para Lei de Comunicação Social.

A Proposta da Lei de Comunicação Social foi depositada em Dezembro de 2020 na Assembleia da República, depois de aprovada pelo Governo, na 39ª Sessão Ordinária do Conselho de Ministros, realizado no dia 20 de Outubro do mesmo ano. Na Proposta da Lei, o Executivo fundamenta que se “mostra urgente e pertinente a aprovação de um regime jurídico da Lei da Comunicação Social visto que o regime jurídico actualmente em vigor (Lei de Imprensa), limita-se a imprensa escrita, tratando de forma tímida uma larga diversidade de meios, desde a radiodifusão sonora e televisão, até aos meios digitais baseados na Internet”.

Outros elementos inovadores introduzidos pela Proposta da Lei de Comunicação Social, incluem uma melhor segregação e distinção entre as diferentes categorias de radiodifusão, entre os serviços generalistas e os serviços temáticos, bem como um reforço acentuado do lugar e da importância das línguas moçambicanas na comunicação social.

Além disso, a Proposta traz como novidade, de entre várias, a “Carteira Profissional”. No artigo 18, consta que o exercício da profissão de jornalista carece da obtenção prévia da carteira profissional, um “documento de identificação obrigatória do jornalista e de certificação do nome profissional, constituindo título de habilitação e condição indispensável para o exercício da profissão e dos direitos que a lei lhe confere”. O mesmo artigo determina que “compete ao Governo regulamentar e aprovar a matéria sobre a carteira profissional do jornalista, sob proposta das associações socioprofissionais representativas da área da comunicação social”.

A falta de carteira faz com que qualquer um (com ou sem formação em jornalismo) exerça a profissão sem limitação, o que denigre o jornalismo em Moçambique.

Entretanto, apesar de estar em revisão desde Novembro de 2006 (passam 17 anos), até a conclusão do presente trabalho continuava incerta (e sem motivos claros) a aprovação da Proposta da Lei da Comunicação Social pela Assembleia da República e posterior promulgação pelo Presidente da República.

4.5. Surgimento do Jornal Savana

O Jornal Savana nasce a 21 de Janeiro de 1994 e é parte do grupo Midiacoop fundado a 06 de Fevereiro de 1992 por 13 jornalistas, nomeadamente António Elias, Alírio Chiziane, Armindo Chavana, António Gumende, Carlos Cardoso, Fernando Lima, Fernando Manuel, Fernando Veloso, Gil Lauriciano, Kok Nam, Lourenço Jossias, Naíta Ussene e Salomão Moyana.

Segundo Salomão Moyana na obra “140 anos de Imprensa em Moçambique” da autoria de Ribeiro e Sopa (1996, pg.145-151), o objectivo dos aludidos jornalistas era de participar na democratização dos meios de comunicação social estatais em que trabalhavam. Os que trabalhavam na Agência de Informação de Moçambique (AIM), pretendiam continuar na AIM, mas fazendo esta agência mais agressiva e competitiva no mercado regional e internacional.

Segundo Moyana (que já não faz parte do Midiacoop), os que trabalhavam no jornal “Domingo” e revista “Tempo”, não pensam em pedir exoneração desses órgãos, antes pelo contrário queriam ser parte integrante do processo histórico de transformação desses meios, então controlados pelo partido Frelimo, em meios nacionais, independentes e apartidários, com capacidade de intervir criticamente no processo geral da transição política de Moçambique do monopartidarismo ao multipartidarismo.

Moyane sublinha que quando o Governo se apercebeu das intenções desses jornalistas, desencadeio uma guerra contra alguns para abandonarem os órgãos de informação em que trabalhavam, alegadamente porque eram “anarco-liberais” da informação.

Em entrevista aos órgãos de comunicação, no dia da escritura pública (06 de Fevereiro de 1992), vários membros da nova empresa afirmaram que o objectivo da colectividade era criar um semanário dentro dos seis meses seguintes. Acrescentaram que o mesmo semanário, ainda sem nome na altura, seria de

informação geral e teria 32 páginas e seria distribuído prioritariamente nas províncias do norte do país, onde se presumia que pouca informação chegava (Ribeiro e Sopa, 1996, p. 147).

Na noite do mesmo dia e na residência de um dos membros, juntaram-se os fundadores da MidiaCoop para celebrar a escritura pública da empresa e escolher, através de voto secreto, o nome do semanário. Havia na mesa as seguintes propostas de nome do jornal: IMPONDEIRO, REGIÃO, SAVANA e ZAMBEZE. SAVANA ganhou as eleições com sete votos e os eleitores festejaram o acontecimento!

Depois da euforia da escritura pública, Moyane conta que vieram os desafios: Quando é que se lança o jornal? De que meios a cooperativa dispunha para lançar o jornal que pretendido para seis meses? Quem dirigirá o jornal? Entretanto, havia poucas respostas para essas questões. Segundo a fonte, um estudo de viabilidade que, entretanto, que havia sido encomendado indicava que era preciso um capital mínimo de 200 mil USD para arrancar com o empreendimento e acontece que os seis meses prometidos passariam sem se conseguir metade do valor.

Por falta de meios, o grupo teve uma ideia: fazer um jornal intermédio, de custos mais modestos antes da reunião das condições necessárias para o lançamento do Savana. Estava em vista algo que acabaria ficando conhecido por MediaFAX, um jornal diário, por fax, lançado a 25 de Maio de 1992 e que teve Carlos Cardoso como o seu primeiro editor.

Uma noite, já em Março, estávamos no Pequim, alí na Julius Nyerere. Tínhamos vindo de mais uma daquelas reuniões em que se fala de 30 assuntos e não se resolve nada. Mas uma coisa já sabíamos: o trabalho para fazer seguir o SAVANA era tal e tanta a nossa inexperiência que não iria nascer tão cedo quanto queríamos. Razão tinha o Kok: nem em Dezembro deste ano! O SAVANA acabou por nascer a 21 de Janeiro de 1994. Portanto, enquanto não fizéssemos o SAVANA, tínhamos que fazer qualquer coisa que nos permitisse começar a facturar e a demonstrar as eventuais apoiantes que precisávamos de apoio, sim senhor, mas não pertencíamos ao clube da mão estendida, (Ribeiro e Sopa, 1996, p. 148).

Entretanto, para a distribuição do MediaFAX era necessário comprar-se uma máquina de fax, mas a empresa não tinha dinheiro para comprar. No dia 17 de Maio de 1992, Moyane conta que o grupo conseguiu mobilizar ajuda no valor de três mil USD do então representante da NORAD em Moçambique, Bjorg Leite e a máquina (Canon-501) para distribuir faxes. Oito dias depois, o grupo lançou o número um do MidiaFAX em mais de 200 faxes da capital, grátis, para atrair assinantes.

4.6. Historial do Jornal Canal de Moçambique

O Jornal Canal de Moçambique circula desde 2005, sob liderança do jornalista e membro fundador do Jornal Savana, Fernando Veloso. Entretanto, a história do surgimento do periódico é contada por um dos co-fundadores, Luís Nhachote⁶, no âmbito da celebração dos 10 anos do semanário, em 2016. Para ele, o parto do NUMERO UM, era o consolidar de um sonho, “sonhado” em 2005 depois de várias e regadas tertúlias. A fonte aponta que motivou o lançamento do Canal de Moçambique a tentativa de controlar e fiscalizar o ‘Guebuzismo’ (a governação do então Presidente do país Armando Guebuza) e, todas as suas formas de manifestação no que tange ao cerceamento e controle das liberdades na comunicação social.

Assim, porque nós os fundadores do Canal de Moçambique, nesse idílico de liberdade, em Novembro de 2005, fomos ao quarto cartório notarial, registar a IMPREL.

A IMPREL é, como daqui se poderá depreender, a IMPRENSA LIVRA-TE LIMITADA. Nada mais do que isso, como se pode ver do BOLETIM DA REPÚBLICA, O JORNAL DO ESTADO MOÇAMBICANO. Sete era o número de sócios como lá se pode ler (um deles expulso da magistratura). Um dos pontos do nosso estatuto editorial, era a directiva de que não iríamos compactuar com o servilismo das “boleias” das corporações e do Governo. E fincamos pé, até nos rendermos a realidade dos tentáculos do poder.

Nhachote conta que os nossos primeiros quadros foram escolhidos das vitrinas da escola de jornalismo, após ele e João Chamusse (então diretor do ZAMBEZE e fundador da IMPREL) terem ido à instituição ver as listas. Emíldo Sambo (então chefe de redacção do @Verdade) e Jorge Matavele (da TV Miramar) e mais tarde Borges Nhamirre (actual pesquisador do Centro de Integridade Pública) e Felicidade Zunguza (então jornalista da TV Sucesso), fazem parte desse lote.

Segundo o co-fundador do Canal de Moçambique, outros como José Belmiro (então vogal da Comissão Nacional de Eleições), Celso Manguana (Jornalista e Poeta laureado no exílio), Conceição Vitorino (Editora do Catembe), foram “recrutados” pelo seu talento natural do início de um sonho. Mais tarde, Matias Guente, actual editor executivo e outros dariam corpo ao Canal, hoje um dos mais vibrantes produtos desta nossa perene democracia.

⁶ Acessível em: <https://ambicanos.blogspot.com/2016/02/10-anos-do-canal-de-mocambique-o-meu.html> e visitada a 05 de Junho de 2023.

O Canal está aí nas ruas como um dos vectores mais vibrantes e na contra corrente das mordanças dos poderes tentaculares. É vilipendiado pelos sectores anti-democráticos e “puritanos”, por dar voz ao último bastião da democracia.

Dez anos depois, Luís Nhachote conta que, com as crises do mercado e as suas nuances, a IMPREL teve que se associar ao “primo” de um dos sócios para fazer face à crise. Nesse contexto, concluiu Nhachote, em 2009, nascia a CANAL I, LIMIDADA, para que a marca não se ficasse pelo sufoco.

CAPÍTULO V - ANÁLISE DE CONTEÚDO

5.1. Explicação das categorias e subcategorias de análise

Para a verificação das hipóteses, utilizam-se as seguintes categorias: Fotografia e legenda; Teor da legenda; Relação fotografia e texto; Tamanho da fotografia e Tempo da fotografia. Na primeira categoria, pretende-se contabilizar as fotografias publicadas nos Jornais Canal de Moçambique e Savana sem legenda. Dentro dessa categoria encontram-se duas subcategorias, nomeadamente “Tem Legenda” (T.L) e “Sem Legenda” (S.L). Além disso, na subcategoria “Tem legenda”, procura-se contabilizar legendas que extravasam o espaço da fotografia, facto que fere a concisão, um dos imperativos na redacção jornalística. Nesses casos, apenas irá acrescentar-se o “E” depois do “X” que irá ser utilizado para marcar os casos.

Já na categoria “Teor da Legenda”, objectiva-se analisar o conteúdo da legenda que acompanha as fotografias. Aqui foram definidas duas subcategorias: “Agrega Valor” (A.V), aquela legenda que adiciona mais dados informativos à fotografia, para além do conteúdo constante do título e lead e, a subcategoria legenda “Simplista” (SI.), aquela cuja informação não acrescenta valor à foto, como por exemplo, legendas compostas apenas por nomes dos fotografados/fontes, os mesmos que são muitas das vezes mencionados na notícia ou reportagem.

A categoria “Relação fotografia e texto”, visa aferir a relação entre a fotografia e texto (principalmente o antetítulo, título, legenda e o lead) se é de complementaridade (ou se há relação), redundância ou exclusão. Por essa razão, são subcategorias “Exclusão (EX.); Complementaridade (CO.) e Redundância (RE.).

Quanto à categoria “Tamanho da foto”, o objectivo é também contabilizar as fotografias de diversos tamanhos para perceber em que medida os Jornais em análise publicam fotografias pequenas como se evidenciou na problemática. Para alcançar esse desiderato, foram definidas como subcategorias “Grandes” (G), aquelas cujo tamanho ocupa metade de uma página (1/2), uma página (01) ou mais no jornal tablóide; “Médias” (M), aquelas fotografias cujo tamanho ocupam de um terço (1/3) a um quarto (1/4) da página de um jornal e são “Pequenas” (P); aquelas que ocupam, de um sexto (1/6) da página de um jornal até a mais pequena.

Por fim, o “Tempo” é a categoria que permitirá perceber se as fotografias publicadas pelo Canal de Moçambique e Savana são actuais, desactualizados (ou de arquivo) ou se é impossível verificar o tempo. A actualidade é um dos principais critérios de noticiabilidade. Assim sendo, pretende-se perceber até ponto, os semanários em análise cumprem com esse critério nas fotografias que veiculam acompanhando notícias, reportagens ou entrevistas. Três subcategorias foram definidas para esta categoria: “Actual” (AT); “Desactualizada” (DE.) e “Impossível Verificar” (I.V).

Em suma, foram definidas cinco (05) categorias e 13 subcategorias que, para a materialização da análise, são distribuídos numa tabela, no canto superior direito. Primeiro são as categorias e por baixo, as suas respectivas subcategorias de análise.

No canto inferior esquerdo são colocados os títulos das (fotografias) notícias, reportagens ou entrevistas analisadas, com as suas respectivas páginas para fácil verificação no anexo. Recorre-se o “X” para marcar um caso. Por exemplo, se na categoria “Fotografia e legenda”, a imagem analisada tiver legenda, marcar-se-á “X” por baixo da subcategoria “TL”.

Tabela resumo de levantamento de casos com e sem qualidade fotojornalística no Jornal Canal de Moçambique e Savana

Categorias	Fotografia e legenda		Teor da legenda		Relação fotografia e texto			Tamanho da fotografia			Tempo da fotografia			
	TL	SL	AV	SI.	EX	CO	RE	P	M	G	AT	DE	I.V	
Total de casos	57	39	38	19	6	87	3	40	30	25	42	13	41	
Generalista	44	4	31	13	4	41	3	15	18	15	10	10	28	77

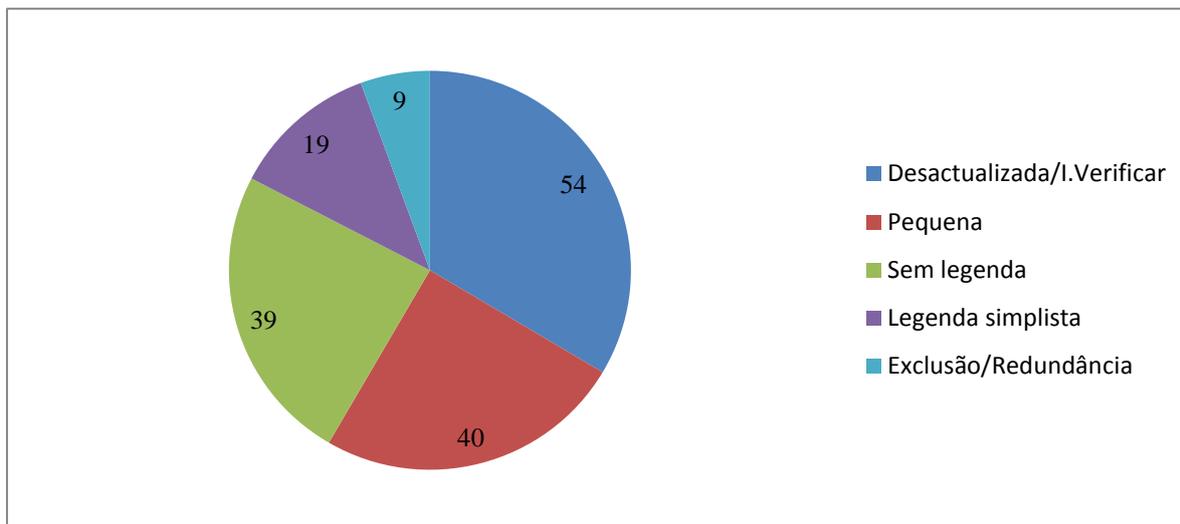
Suplemento	13	35	7	6	2	46	0	25	12	10	32	3	13	84
Gene./Canal	22	2	14	8	2	22	0	7	8	9	8	5	11	35
Gene./Savana	22	2	17	5	2	19	3	8	10	6	2	5	17	42
Suple./Canal	8	19	2	5	0	26	0	16	5	3	17	2	7	49
Suple./Savana	5	16	5	1	2	20	0	9	7	7	15	1	6	35
Canal vs. Savana														
Canal	30	21	16	13	2	48	0	23	13	12	25	7	18	84
Savana	27	18	22	6	2	39	3	13	17	13	17	6	23	71

Tabela N°1: Do lado direito, a tabela mostra a soma dos casos **em negrito** de fotografia jornalística sem qualidade.

5.2. Interpretação de dados

Os dados colectados e constantes na tabela resumo⁷ serão distribuídos em gráficos e depois descritos em texto, para melhor percepção. Com o objectivo de afunilar os resultados obtidos, as subcategorias “Exclusão” e “Redundância”, serão acopladas numa única categoria, “Exclusão/Redundância” e as subcategorias “Desactualizada” e “Impossível Verificar”, também em “Desactualizada/I.Verificar”. Além destas, nas tabelas constarão também as seguintes categorias “Sem legenda”; “Legenda Simplista” e Fotografias “Pequenas”. A interpretação dos dados será auxiliada por ilustrações fotográficas de casos concretos analisados. As imagens foram e retiradas pelo autor.

⁷ A tabela detalhada encontra-se em Anexo B.



5.3. Interpretação geral de dados por categoria de análise

Gráfico nº.01: Resultados desagregados obtidos em cada categoria de análise

Desactualizada/I.Verificar Tempo

Do levantamento de dados no período em análise (2022), constatou-se no cômputo geral e conforme se observa no gráfico (nº.01), que os jornais Canal de Moçambique e Savana detraem a fotografia jornalística. Um dos principais factores é a actualidade das fotografias. De um total de 96 fotografias analisadas, 54 são desactualizadas ou não é possível verificar o tempo. Esse número de casos representa 51% do total da amostra. Isto significa que a cada 10 fotografias publicadas pelo Canal de Moçambique e Savana, cinco (05) não são actuais ou não é possível aferir o seu tempo, no texto com que foram publicadas. Um exemplo sobre foto desactualizada pode ser visto abaixo. Foi extraído da página 05 do jornal Canal de Moçambique, edição de 12 de Janeiro de 2022.



Imagem 01: Caso de fotografia desactualizada ou de arquivo que o jornal Canal de Moçambique utilizou.

Fotografias Pequenas

Depois do tempo, o tamanho da imagem é outro factor que afecta a qualidade das fotografias publicadas durante o ano de 2022 pelos referidos semanários. De um total de 96 fotografias analisadas, 40 (38%) são imagens pequenas. Por outras palavras, de quatro (04) em cada 10 fotografias veiculadas por aqueles periódicos, são pequenas. Isto é, parte considerável (quase metade) das fotografias publicadas nos semanários ocupa tamanhos que variam de um cesto da página (1/6) a mais pequena. Em tablóide esse tamanho é muito ínfimo para uma fotografia jornalística agregar valor a notícia, senão o simples papel de ilustrar a notícia ou mesmo de preencher espaço cujos caracteres o repórter não conseguiu fechar.

Um exemplo desse tipo de fotografias pode se ver abaixo. Foi retirada da página 02, edição de 05 de Outubro de 2022.

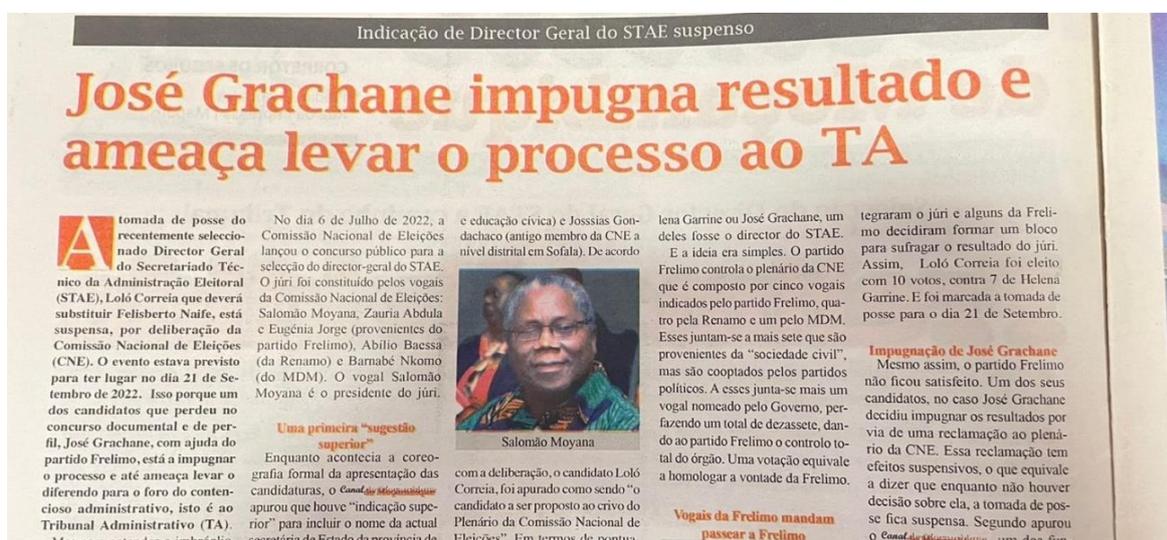


Imagem 02: Exemplo de fotografia pequena e cujo título não combina com a imagem.

Fotografias sem Legenda

A qualidade da fotografia jornalista no Savana e Canal de Moçambique é consideravelmente afectada pela falta de legenda. Olhando para os dados analisados, a falta de legenda é o terceiro factor que mais contribui para fraca qualidade das fotografias naqueles semanários. De uma amostra de 96, constatou-se que 39 (37%) não têm legenda. Quer dizer que em cada 10 fotografias publicadas pelos periódicos, quatro (04) não têm legenda. Um exemplo concreto pode-se ver na página 22 do jornal Canal de Moçambique, edição de 03 de Setembro de 2022.

Cerca de 80% dos fundos foram gastos em aluguer de hotéis e alimentação

A protecção social foi usada como justificação para a angariação de fundos, mas há famílias que não receberam o valor. Houve desvio negativo entre a distribuição planeada e a distribuição efectiva.

André Mulungo
andremulungo4@gmail.com

Resultados do rastreio da despesa pública no âmbito da covid-19 nos sectores da Saúde e Obras Públicas indicam que não houve transparência na gestão dos fundos da covid-19, nem por via do Orçamento do Estado, nem por via dos parceiros de cooperação. O relatório constatou que, a nível central, houve um desvio negativo entre a distribuição planeada e a distribuição efectiva para o sector da protecção social. “A protecção social era a prioridade apenas no plano para a mobilização dos re-



mento do Governo local nos processos. E o Governo local muitas vezes alega não ter competência para responder a algumas constatações identificadas localmente, porque a execução foi centralizada.

O Fundo de Monitoria do Orçamento diz que exortou sobretudo o Ministério da Saúde para uma maior racionalização do uso de recursos a nível provincial, “numa situação em que o FMO rastreou cerca de 80% gasto apenas com alojamento em hotéis e alimentação de profissionais de saúde e pouco mais de 3% na construção de um centro de saúde em Tete”.

O relatório enquadra-se no trabalho dirigido pelo Fundo de Monitoria do Orçamento e que tem como objectivo: avaliar a eficácia

Imagem 03: Um, de vários casos de fotografias sem legenda.

Legenda Simplista

A legenda que não agrega valor à fotografia é o quarto factor que de certa forma afecta a qualidade das imagens publicadas pelo Savana e Canal de Moçambique. Na amostra de 96 fotografias, pelo menos 19 imagens (18%) são acompanhadas por legendas cujo teor não acrescenta valor. Geralmente são legendas constituídas por nome da fonte, o mesmo que é citado várias vezes no texto notícia, reportagem ou entrevista. Da análise, constatou-se que este tipo de legenda curta pode resultar da falta de espaço para agregar mais dados sobre a foto, visto que o tamanho da mesma é muitas vezes pequena conforme acima aludido. Um exemplo de vários casos de legenda simplista pode se ver na imagem abaixo, retirada da edição de 01 de Abril de 2022, do jornal Savana.

Savana 01-04-2022

TEMA DA SEMANA

3

Rogério Zandamela e o regresso do FMI

Fim da travessia do deserto

O governador do Banco de Moçambique (BdM) assinalou que o retorno do apoio do Fundo Monetário Internacional (FMI) vai restaurar a cidadania dos moçambicanos dentro do sistema financeiro internacional, considerando que o país era visto “quase perto da falência”.

Rogério Zandamela entende que Moçambique era visto como um país complicado e difícil e a conclusão deste programa (financiamento) representa o fim desse período nublado e complicado”.

Rogério Zandamela fez estes pronunciamentos na tarde desta quarta-feira, numa conferência de imprensa que serviu para anunciar as decisões tomadas, depois da reunião do Comité de Política Monetária. Na ocasião, foi anunciada a subida da taxa de juro de Política Monetária para 6,8%.

para o curto e médio prazo foram revistas em alta. As projecções apontam para uma aceleração da inflação geral e subjacente, no curto e médio prazo, a reflectir, principalmente, o efeito directo e indirecto do aumento dos preços dos combustíveis e dos produtos alimentares, bem assim o impacto dos desastres naturais que têm estado a assolar o país, não obstante a estabilidade do metical. Em Fevereiro, a inflação anual fixou-se em 6,8%.

bustiveis para os preços de outros bens e serviços. Ainda assim, o BdM diz que as previsões de recuperação da actividade económica em 2022 mantêm-se, não obstante as perspectivas de abrandamento da procura externa. Estas previsões resultam do relaxamento das medidas restritivas para a contenção da Covid-19, e da execução dos projectos energéticos em Inhambane e na bacia do Rovuma, num contexto de retoma

Rogério Zandamela

Imagem 04: Caso de fotografia acompanhada por legenda simplista, aquela que não agrega valor à imagem.

Legenda Extensa

Ainda sobre a relação legenda e tamanho da imagem, há casos em que o texto é extenso e como consequência sobra por falta de espaço, facto que fere o princípio de concisão na escrita jornalística. De 57 fotografias com legenda, pelo menos em 10 a legenda extravasa o espaço da imagem por ser menor. A prior depreende-se que esse facto deve-se, por um lado, a incapacidade dos jornais de fazer legendas informativas concisas, por outro, o facto de o tamanho das fotografias legendadas ser menor. Uma ilustração concreta sobre legendas extensas consta na imagem abaixo, retirada da edição de 13 de Maio de 2022, página 06 do jornal Savana.



Imagem 05: Uma ilustração de legenda muito longa que extravasa o espaço da fotografia.

Redundância ou Exclusão

Esta categoria é a que menos casos apresentou. Da amostra de 96 fotografias, apenas em nove (09) casos é que há relação de redundância ou de exclusão entre a fotografia e texto. Isto significa que esses casos são raros. Embora os casos de redundância ou exclusão sejam raros, a imagem abaixo, extraída do jornal Savana, edição de 01 de Agosto de 2022, página 08, mostra que eles ocorrem nos jornais analisados.



Imagem 06: Exemplo de redundância entre a fotografia e texto, principalmente entre título e legenda.

5.4. Análise comparativa

5.5. Comparação entre fotografias generalistas e de suplementos

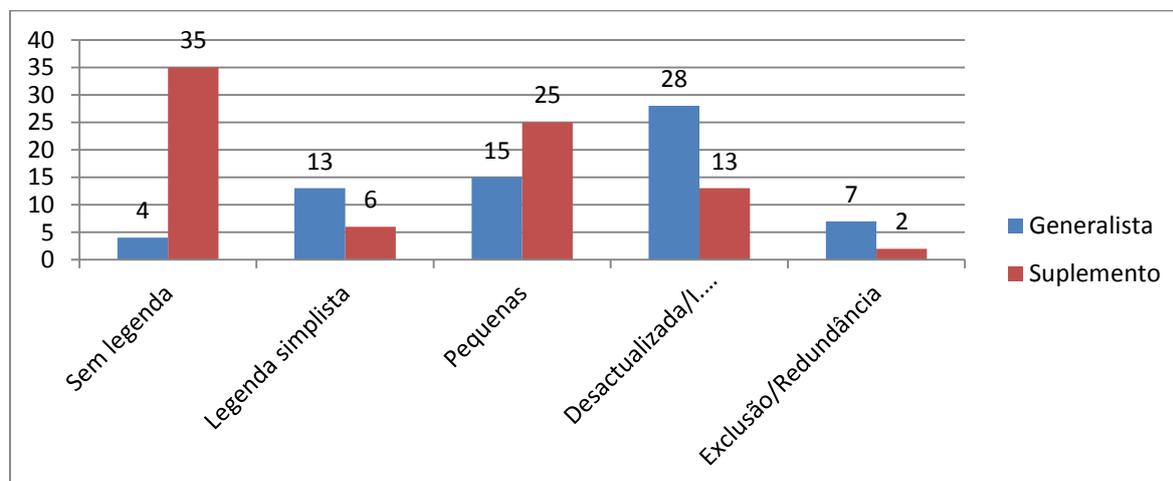


Gráfico nº.02: Há menos qualidade nas fotos de suplementos do que em generalistas

Olhando para os dados constantes no gráfico (nº.02), constata-se que nos suplementos é onde há maior número de fotografias sem qualidade, olhando para os critérios utilizados neste trabalho. Em suplementos, foram contabilizados 84 (80% da amostra) casos diversos que detraem a fotografia jornalística, contra 77 (73%) casos contabilizados em notícias generalistas. O que mais mancha a qualidade da fotografia nos suplementos é a falta de legenda (35 casos contra 4 generalistas), seguida de fotografias pequenas (25 casos contra 15 generalistas). Em contrapartida, a categoria “Tempo” em notícias generalistas contraia a tendência ao apresentar 28 casos de fotografias cuja actualidade não foi possível verificar, contra 13 do suplemento. Foram contabilizados 13 casos legendas simplistas contra seis em fotografias publicadas nos suplementos.

5.6. Comparação da qualidade fotografia jornalística em apenas notícias generalistas

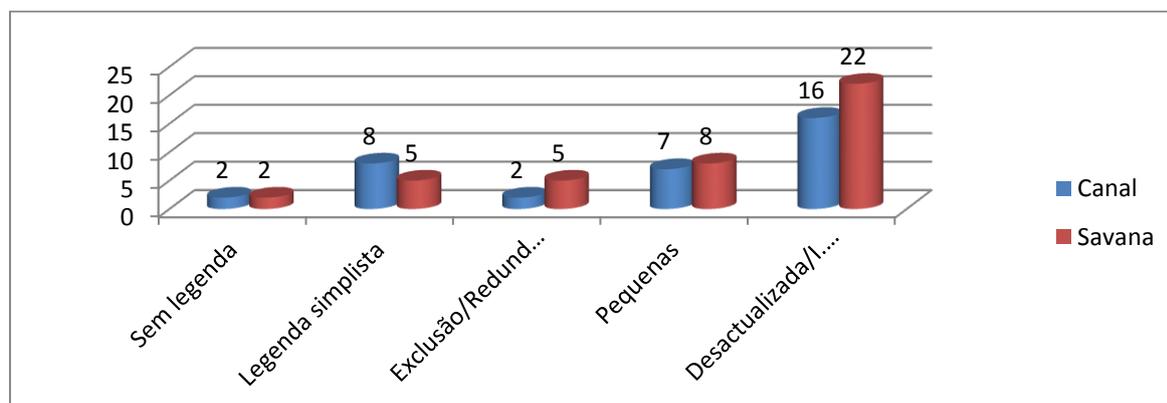


Gráfico nº.03: Em generalistas há mais fotos sem qualidade no Savana que no Canal

Perante os dados distribuídos neste gráfico (nº.03), verifica-se que no período analisado (2022) e de acordo com a amostra, o Jornal Savana é que mais fotografias sem qualidade publicou nas notícias generalistas. Aqui foram contabilizados 42 (40% da amostra) casos de diversos problemas que mancham a qualidade fotojornalística, em detrimento do semanário Canal de Moçambique em que foram registados 35 casos, o que equivale a 33% da amostra.

As categorias de “Tempo” e “Tamanho da fotografia”, bem como “Relação foto e texto”, são as que mais destacaram o Savana, registando 22, 8 e 5 casos respectivamente. Em contrapartida, na categoria “Teor da legenda”, o Canal de Moçambique foi o jornal que mais casos registou (08), contra cinco (05) do Savana. Já na categoria “Foto e legenda”, os dois jornais registaram o mesmo número de casos (de fotografias sem legenda), neste caso, dois para cada um.

5.7. Comparação da qualidade fotojornalística em notícias somente de suplementos

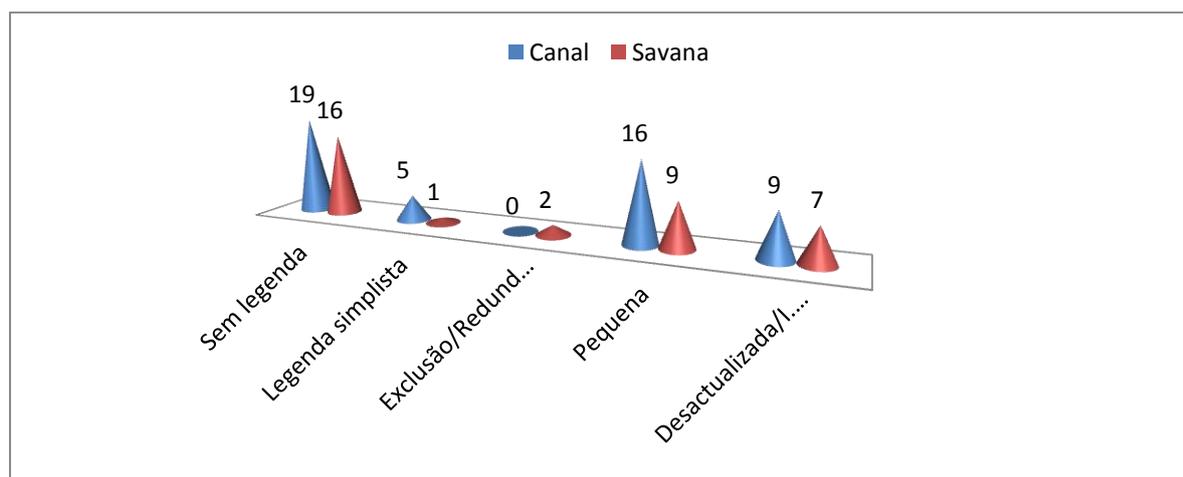


Gráfico nº.04: Em suplementos o Canal é que mais detrai a foto em relação ao Savana.

Da análise, constatou-se e com base em dados distribuídos no gráfico (nº.04) que em notícias publicadas em suplementos, o Jornal Canal de Moçambique é que se destaca. Neste caso, o Canal registou 49 casos (47% da amostra) de diversos problemas contabilizados em todas as categorias, contra 35 casos contabilizados no Savana, o que equivale a 33% da amostra de 96 fotografias. As categorias de “Foto e legenda” (19 casos de fotos sem legenda), “Tamanho da foto” (16 casos de fotos pequenas) e a categoria “Tempo da foto” (9 casos de fotografias cuja actualidade é difícil aferir ou desactualizadas), bem como “Teor da legenda” (5 casos de legendas que não agrava o devido valor à foto) são as que levam o Canal a se destacar, em relação ao “Savana” em que nas mesmas categorias registou, 16, 9, 7 e 1 casos, respectivamente.

5.8. Comparação geral entre o Jornal Canal de Moçambique e Savana

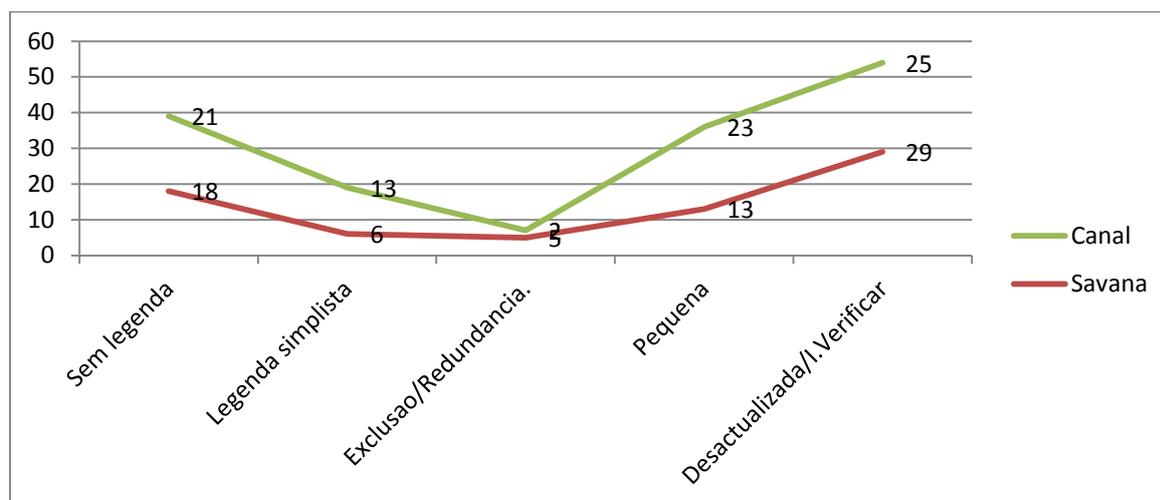


Gráfico nº.05: No geral, o jornal Canal é o que mais detrai fotografia jornalística que o Savana.

Depois de na comparação da qualidade fotojornalística em notícias generalistas (o Savana ter se destacado) e de suplemento (onde se destacou o Canal de Moçambique), foi necessário encontrar dos dois, o Jornal que de acordo com a amostra, é que mais detrai a fotografia jornalística, de modo geral. Para o efeito, foi necessário somar casos contabilizados nas últimas duas comparações (generalistas e suplementos entre ambos Jornais), separadamente e compará-los. Feito o exercício, constatou-se que o Canal de Moçambique registou 84 (80% da amostra) problemas diversos contra 71 casos (68% do amostra), uma diferença de 13 pontos, contabilizados no Jornal Savana. Estes dados significam que, a cada 10 fotografias publicadas no Canal de Moçambique, oito (8) tem diversos problemas em análise que afectam a qualidade da fotografia, contra de sete (7) sem qualidade, em cada 10 fotografias publicadas no Savana.

Com base nesses dados, conclui-se que, o Canal de Moçambique é o semanário privado moçambicano que mais detrai a fotografia jornalística. Olhando para os dados do gráfico acima (nº 05), concorreram para o destaque do Canal, as fotografias “sem legenda”, (21 casos, contra 18 do Savana); seguido das fotografias “pequenas” (23 casos, contra 13 do Savana), “legenda simplista” (13 casos, contra 6 do Savana). Em contrapartida, aqui, o Savana destacou ao apresentar 29 casos de problemas diversos que afectam a qualidade fotojornalística, contra 25 do semanário Canal de Moçambique.

5.9. Factores que afectam a qualidade da fotografia jornalística nos jornais analisados, segundo entrevistados

Até a etapa anterior não foi possível confirmar ou refutar as hipóteses da presente pesquisa, senão provar com factos que os Jornais Savana e Canal de Moçambique detraem a fotografia jornalística. Entretanto, durante as conversas com os fotojornalistas, jornalistas e editores executivos (em entrevistas semi-estruturadas) foi possível chegar aos porquês da fraca qualidade das fotografias publicadas pelos semanários privados.

As entrevistas foram concedidas por Neuton Langa, Lucas Meneses e Matias Guente, jornalista, fotojornalista e editor executivo do Canal de Moçambique, respectivamente. No semanário Savana, foram entrevistados Elias Nhaca, Ilec Vilanculo e Francisco Carmona, jornalista, fotojornalista e editor executivo, respectivamente.

Durante as entrevistas os referidos jornalistas, fotojornalistas e editores executivos, de ambos Jornais mostram-se cientes dos factores que mancham a qualidade da fotografia jornalística na imprensa escrita, nomeadamente, a publicação de fotografias desactualizadas, ou cujo tempo não é possível verificar por serem de arquivo ou da Internet (apesar de não se fazer a devida menção nas publicações); fotografias pequenas, outras sem legenda e, as que têm, a mesma não agrega valor ou é extensa, bem como a presença de fotografias redundantes ao texto ou que se excluem deste, embora estes últimos dois caos não sejam muito expressivos.

De modo geral, os entrevistados afirmam que os aludidos problemas devem-se ao facto de as empresas jornalísticas investirem menos, em recursos humanos, materiais e financeiros no processo de produção fotojornalística. Mencionaram ainda que parcerias comerciais também têm influenciado para fraca qualidade da fotografia nos Jornais onde trabalham. Contudo, antes de falarem aprofundadamente sobre as aludidas razões, os entrevistados começaram por contextualizar que desde sempre as fotografias foram tidas na imprensa escrita como elementos auxiliares dos textos.

Esse facto se reflecte no produto final, concretamente nas notícias, entrevistas ou reportagens, onde o espaço dado ao texto do jornalista é maior que o do fotojornalista. Sobre essa questão, o jornalista no Canal de Moçambique, Neuton Langa, explicou que se dá mais espaço ao jornalista porque “sem texto, uma fotografia não pode ser publicada, mas um texto sem fotografia pode ser publicado. Contudo, isso não significa que o fotojornalista não é importante”.

O maior investimento a jornalistas é evidenciado também no número de trabalhadores das empresas jornalísticas. Langa disse que trabalha com quatro colegas jornalistas e um fotojornalista. O entrevistado deu a entender que o Canal de Moçambique não vê a necessidade de contratar mais fotojornalistas porque a equipa do Jornal é pequena, mas reconheceu que nem sempre o fotojornalista tem conseguido cobrir todos os eventos (o que afecta a qualidade da fotografia, porque nesses casos o Jornal recorre à Internet e não só), sobretudo fora da cidade de Maputo, porque nesse tipo de casos quem viaja, muitas das vezes, é somente o jornalista. “Se o fotojornalista viaja quem há-de ficar a fechar o Jornal?”, interrogou-se, Langa.

Por seu turno, Elias Nhaca disse que no Savana trabalha com nove jornalistas e dois fotojornalistas, mas um deles foi a reforma em 2022. Para além da tendência histórica de se privilegiar o jornalista em relação ao fotojornalista, Nhaca apontou a falta de formação académica dos repórteres de imagem. Mencionou que os fotojornalistas com que trabalhou no semanário não têm formação académica sobre fotojornalismo, senão experiências transmitidas de geração em geração ou adquiridas no dia-a-dia.

De facto o país não tem uma instituição de ensino superior que lecciona fotojornalismo, nem em escolas superiores em jornalismo há sequer uma disciplina sobre a matéria. Há, porém, institutos de formação fotográfica e cujos cursos são de curta duração (três meses), o caso do Centro de Documentação e Formação Fotográfica (CDFF), na Cidade Maputo, fundado em 1983 pelo fotógrafo Ricardo Rangel.

Por falta de formação académica, o editor executivo do Canal de Moçambique, Matias Guente, mostrou reservas quanto à existência de “muitos fotojornalistas em Moçambique. Existem fotógrafos que entraram nas redacções e depois foram baptizados como fotojornalistas. Isso também jogou um papel fundamental na forma como o jornalismo olhou para a fotografia, pois as organizações nunca se preocuparam em olhar a fotografia sob ponto de vista científico. Então para elas qualquer pessoa podia fazer fotografia”.

Em contrapartida, Guente afirmou que apesar desses factores, “a fotografia carece de investimento que a maioria dos órgãos de comunicação não estão a altura de o fazer, mas também não podem fazer o jornalismo sem a fotografia e, acabam partindo para investimentos mínimos”.

Para o editor executivo do Savana, Francisco Carmona, o fraco investimento deve-se ao facto de os jornais impressos, tal como acontece em todo mundo, estarem a passar por uma grande

crise e como consequência as vendas caíram radicalmente, pois apenas uma parte minúscula de leitores mantém a tradição de ler as notícias no papel, numa era em que muitos migraram para o digital. Uma prova da queda de vendas verifica-se nas tiragens. De acordo com dados de Chichava e Pohlmann (2010, pg. 131) se em meados de 2009, o Savana imprimia entre 12 mil a 15 mil exemplares, hoje (2023) só imprime 10 mil exemplares de jornais, o que significa que perdeu cerca de cinco mil leitores. O jornal “Magazine Independente” imprimia até meados de 2009, sete mil exemplares, mas actualmente o número caiu para três a quatro mil. O jornal “Zambeze” disponibilizava ao público oito mil exemplares, mas nos últimos anos a tiragem caiu para três mil. Contrariamente, a tiragem do Canal de Moçambique incrementou de cinco mil para os actuais 10 mil exemplares (um caso isolado).

“A publicidade, que é a parte de leão nas receitas, também está em queda. Os investimentos não são feitos apenas na produção fotojornalística. Há também problemas de investimentos em toda Redacção por falta de fundos, resultante de quebra de receitas por factores acima mencionados”, acrescentou Carmona.

Agrava a problemática da fraca qualidade da fotografia, o facto de os periódicos em análise terem sete dias para produzir, diferentemente de um diário. Além disso, o Savana tem 29 anos de existência e o Canal de Moçambique circula há 17 anos. Durante esses anos pressupõe-se que as empresas que detém os periódicos tenham robustez financeira para um maior investimento na produção fotojornalística. Apesar desses pressupostos, os editores executivos dos semanários, deram a entender que a falta de recursos financeiros é a questão de fundo.

Na Teoria Organizacional de Jornalismo, Nelson Traquina (2005, pg.159) defende que as notícias são um produto comercial e para vender, as empresas recorrem a estratégias de marketing. Tais estratégias se evidenciam nas capas, onde a fotografia é que mais se destaca, para além do texto. Sobre essa asserção os editores executivos concordam que a fotografia na imprensa escrita, sobretudo, nas capas tem grande relevância por oferecer uma visão objectiva e abrangente de um acontecimento de interesse público, mas Carmona reiterou que “factores acima referidos, empurram para o fraco investimento na área fotográfica (pessoal e tecnologia) e não só”.

Se os órgãos de comunicação não estão a altura de fazer altos investimentos no fotojornalismo, numa “situação de escassez de recursos financeiros vamos canalizar o pouco que temos para os elementos que consideramos mais fundamentais. A fotografia é

importante, não há dúvidas, mas não nos devemos esquecer que em jornalismo o texto é o mais importante”, afirmou Nhaca.

Pelos factores já descritos, os fotojornalistas do Savana e Canal de Moçambique, nomeadamente Ilec Vilanculo e Lucas Meneses, respectivamente, afirmam que ser fotojornalista é uma tarefa desafiante na imprensa escrita privada em Moçambique.

“O fotojornalismo em Moçambique sempre foi um desafio. Não só do Canal de Moçambique. Estou a falar na generalidade”, afirmou Meneses. Vilanculo foi mais longe, detalhando o que torna a procissão desafiante no dia-a-dia. “Nós fotojornalistas não somos considerados. Somos simples fotógrafos como dizem. Muita das vezes o fotojornalista é desprezado, ignorado [tanto dentro, quanto fora da redacção]. Na parte financeira é considerado o escriba. Aliás, todas as vezes, dificilmente vai encontrar um bom jornalista a receber menos que um bom fotógrafo. O fotógrafo não é considerado”, disse Vilanculos.

Contudo, se em termos de meios de trabalho e salariais o fotojornalista do Canal de Moçambique mostrou-se minimamente confortável, tal não aconteceu com o repórter fotográfico do Savana. Vilanculos disse que por escassez de recursos financeiros, a maioria dos órgãos de comunicação em Moçambique não tem fotojornalistas, muito menos máquinas de fotografar.

Segundo o fotojornalista do Savana, parte considerável dos poucos fotojornalistas existentes usam máquinas próprias (por si compradas) e de baixa qualidade. Vilanculos afirmou ser dos vários que utiliza câmara fotográfica pessoal há 10 anos. Entretanto, disse que tem pedido a Direcção da empresa para adquirir nova câmara fotográfica ou acessórios, mas sem sucesso.

Nesse âmbito, o fotojornalista questionou a racionalidade de se exigir ao fotojornalista, fotos de qualidade sem que os órgãos invistam para tal. Além disso, tendo em conta que para as empresas privadas poderem sobreviver precisam vender notícias e, ciente do poder da imagem na atracção dos leitores, questionou também a lógica de se pretender vender mais sem se investir em meios de produção.

Por consequência do fraco investimento no fotojornalismo, no quotidiano, quem mais sai a rua para a produção de conteúdo é o jornalista em relação ao fotojornalista. Essa prática afecta o produto jornalístico final, principalmente a fotografia, pois sem poder cobrir todos os eventos, o fotojornalista recorre ao arquivo ou à Internet, de onde obtém fotografias não relacionadas aos eventos cobertos ou desactualizadas. De facto, durante a análise de conteúdo

foi notória a presença desse tipo de fotografias e cujos autores ou fontes não são mencionados, atitude que viola o princípio da propriedade intelectual.

“Por vezes recorremos às redes sociais, na internet no cômputo geral. Ora a Internet dá aquilo que está disponível, com ou sem qualidade, mas são raras vezes, pois instruímos os nossos colegas para fazerem uma foto, no mínimo quando estiverem no terreno”, disse Meneses. O jornalista do Savana, Elias Nhaca, disse igualmente que das experiências que tem tido, se o fotojornalista não consegue cobrir um evento “recorre ao arquivo ou a Internet”.

Entretanto, não foi só Meneses e Nhaca, mas também os restantes entrevistados, com a excepção dos editores executivos, por reconhecerem que toda a utilização do conhecimento/ produto alheio, que não menciona a fonte, viola claramente o princípio de propriedade intelectual, ética e a deontologia profissional. Matias Guente e Francisco Carmona, reconhecem, porém, que pode existir um ou outro caso, que os escapa, mas não é prática recorrente dos semanários.

Da análise de conteúdo o presente trabalho constatou ainda que as fotografias publicadas em suplementos dos dois semanários, nomeadamente, “Savana Eventos” e “Canal de Empresas e Marcas” são as que menos qualidades têm em relação às fotografias publicadas em artigos generalistas. Durante as entrevistas todos as fontes foram unânimes ao afirmar que tal se deve ao facto de as matérias publicadas nesse seguimento serem comerciais.

Para os entrevistados, são geralmente, os gabinetes de comunicação e imagem dos parceiros comerciais que mandam os conteúdos (texto e fotografias) e cabe somente o jornal publicar, sem muito espaço para editar. “É um suplemento, como bem diz o nome, dedicado às empresas. Geralmente são as empresas que mandam os conteúdos (texto e imagem) e nós apenas editamos para torná-los notícia e menos comerciais”, disse o jornalista do Canal de Moçambique, Neuton Langa.

Segundo o fotojornalista do Savana Ilec Vilanculo, a fraca qualidade das fotografias nos suplementos deve-se ainda ao facto de os parceiros comerciais contratarem fotógrafos de eventos e não fotojornalistas para cobrir os seus eventos. Para ele o agravante ainda é que quem trabalha nesses gabinetes de comunicação e manda as fotografias para as redacções muitas das vezes não entende de fotojornalismo.

No cômputo geral, todos os entrevistados concordam que há fraco investimento na produção fotojornalística nos semanários privados, caso Savana e Canal de Moçambique. Entretanto,

para reverter esse cenário e com vista a agregar cada vez maior qualidade à fotografia publicada naqueles periódicos, o que irá incrementar as vendas e lucro em última análise, as fontes defendem forte investimento, principalmente em recursos financeiro, materiais e humanos. “Para melhorar a qualidade da fotografia na imprensa escrita é preciso investimento”, disse o fotojornalista do Savana.

O editor executivo do aludido Jornal, entende que o investimento não pode se cingir apenas à produção fotojornalística, mas para todos os sectores de produção jornalística. “A preocupação que existe é o investimento em toda cadeia de produção editorial (jornal impresso, digital, websites, redes sociais, etc.). O sector do fotográfico precisa de investimento, mas não é o único”, sublinhou Carmona.

No mesmo diapasão, o editor executivo do Canal de Moçambique, acrescentou que para além de questões financeiras, é preciso doptar os repórteres fotojornalísticos de conhecimento que lhes permitam produzir cada vez melhores fotografias jornalísticas. “O nosso objectivo é sempre atingir a perfeição e isso não se faz com palavras, mas com acções concretas, designadamente, a formação dos nossos quadros”, disse Matias Guente. Nesse contexto, Guente explicou que tem convidado fotojornalistas estrangeiros para partilhar experiencias com o repórter de imagem do seu órgão.

O editor executivo do Canal de Moçambique mencionou que em Agosto de 2023, um mês antes da entrevista, recebeu o renomado fotojornalista norte-americano, Lou Jones, de 78 anos, dos quais 52 na fotografia. Sua biografia⁸ reza que começou sua carreira fotográfica em 1971. É especialista em publicidade e fotografia corporativa. Sua carreira abrange desde o fotojornalismo cobrindo a guerra na América Central e causas humanitárias, até a fotografia desportiva documentando 13 jogos Olímpicos consecutivas, e até retratos de jazz, incluindo Miles Davis, Milt Jackson e Charles Mingus. Ele fotografou eventos históricos como a queda do Muro de Berlim, a Marcha do Milhão de Homens.

“Colocamos o nosso fotógrafo em contacto com esse tipo de pessoas, de reconhecimento global. Ter contacto com essas pessoas é importante. Trata-se de um esforço que nós fazemos para que o nosso fotojornalista tenha a dimensão não só artística da foto, mas também científica. Mas essas parcerias custam dinheiro, o que não temos. Entretanto, há um esforço que nós fazemos para mantê-lo a par daquilo que são as melhores práticas a nível mundial”, concluiu Guente.

⁸ <https://www.fotojones.com/artist-biography>, visitado em 01 de Setembro de 2023

5.10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de pesquisa concluiu que, no geral, os jornais Canal de Moçambique e Savana detraem a fotografia jornalística. Um dos principais factores é a actualidade das fotografias. De um total de 96 fotografias analisadas, 54 são desactualizadas ou não é possível verificar o tempo. Esse número de casos representa 51% do total da amostra. Isto significa que a cada 10 fotografias publicadas pelo Canal de Moçambique e Savana, cinco (05) não são actuais ou não é possível aferir o seu tempo, no texto com que foram publicadas.

Depois do tempo, o tamanho da imagem é outro factor que afecta a qualidade das fotografias publicadas pelos referidos semanários, durante o ano de 2022. De um total de 96 fotografias analisadas, 40 (38%) são imagens pequenas. Isto significa que, parte considerável (quase metade) das fotografias publicadas nos semanários ocupa tamanhos que variam de um cesto da página (1/6) a mais pequena. Em tablóide esse tamanho é muito ínfimo para uma fotografia jornalística agregar valor a notícia, senão o simples papel de ilustrar a notícia ou mesmo de preencher espaço cujos caracteres o repórter não conseguiu fechar.

A qualidade da fotografia jornalista no Savana e Canal de Moçambique é consideravelmente afecta pela falta de legenda. Olhando para os dados analisados, a falta de legenda é o terceiro factor que mais contribui para fraca qualidade das fotografias naqueles semanários. De uma amostra de 96, constatou-se que 39 (37%) não têm legenda.

A legenda que não agrega valor à fotografia é o quarto factor que de certa forma afecta a qualidade das imagens publicadas pelo Savana e Canal de Moçambique. Numa amostra de 96 fotografias, pelo menos 19 imagens (18%) são acompanhadas por legendas cujo teor não acrescenta valor. Geralmente são legendas constituídas por nome da fonte, o mesmo que é citado várias vezes na notícia, reportagem ou entrevista. Da análise, constatou-se que este tipo de legenda curta pode resultar da falta de espaço para agregar mais dados sobre a foto, visto que o tamanho da mesma é muitas vezes pequena conforme acima aludido.

Ainda sobre a relação legenda e tamanho da imagem, há casos em que o texto é extenso e como consequência sobra por falta de espaço, facto que fere o princípio de concisão na escrita jornalística. De 57 fotografias com legenda, pelo menos em 10 a legenda extravasa o espaço da imagem por ser menor. Depreende-se que esse facto deve-se, por um lado, a

incapacidade dos jornais de fazer legendas informativas concisas, por outro, o facto de o tamanho das fotografias legendadas ser menor.

Numa perspectiva comparativa interna (entre fotografias generalistas e em suplementos) a pesquisa constatou ainda que nos suplementos é onde há maior número de fotografias sem qualidade. Em suplementos, foram contabilizados 84 (80% da amostra) casos diversos que detraem a fotografia jornalística, contra 77 (73%) casos contabilizados em notícias generalistas.

Da comparação entre ambos periódicos, verificou-se que o Canal de Moçambique é o semanário privado moçambicano que mais detrai a fotografia jornalística. O Canal de Moçambique registou 84 (80% da amostra) problemas diversos contra 71 casos (68% da amostra), uma diferença de 13 pontos, contabilizados no Jornal Savana.

Em entrevistas, os jornalistas, fotojornalistas e directores executivos de ambos Jornais, mostram-se cientes dos factores que mancham a qualidade da fotografia jornalística na imprensa. Afirmam que os aludidos problemas devem-se ao facto de as empresas jornalísticas investirem menos, em recursos humanos, materiais e financeiros no processo de produção fotojornalística. Mencionaram ainda que parcerias comerciais também têm influenciado para fraca qualidade da fotografia nos Jornais onde trabalham.

Com essa informação, depreende-se que é rejeitada a primeira hipótese da pesquisa, segundo a qual, os jornais em análise publicam fotografias jornalísticas com qualidade, pois as empresas detêm meios suficientes para a produção fotojornalística, pois pelo contrário, e conforme prevê a segunda hipótese, há fraca qualidade da fotografia jornalística no Savana e Canal de Moçambique por condicionantes organizacionais, como fraco investimento na produção fotojornalística e, compromissos comerciais.

Para eles o fraco investimento deve-se ao facto de os jornais impressos, tal como acontece em todo mundo, estarem a passar por uma grande crise decorrente da migração do papel para o digital e como consequência as vendas caíram radicalmente, pois apenas uma parte minúscula de leitores mantém a tradição de ler as notícias no jornal em formato físico.

“A publicidade, que é a parte de leão nas receitas, também está em queda. Os investimentos não são feitos apenas na produção fotojornalística. Há também problemas de investimentos

em toda Redacção por falta de fundos, resultante de quebra de receitas por factores acima mencionados”, acrescentou Carmona.

Numa situação de crise, os gestores dos Jornais Savana e Canal de Moçambique, adoptam medidas de austeridade para tornar o negócio sustentável. Por consequência dessas medidas, alguns sectores de produção são sacrificados. Neste caso específico, a produção da fotografia jornalística, que não tem merecido investimento financeiro, material e humano necessário.

A atitude dos gestores dos aludidos órgãos de comunicação não foge da teoria base do presente trabalho, a Teoria Organizacional, na qual Nelson Traquina (2005, p.153), defende que as notícias são resultado das condicionantes organizacionais, como as “hierarquias, as formas de socialização e aculturação dos jornalistas, a rede de captura de acontecimentos que o órgão jornalístico lança sobre o espaço, os recursos humanos e financeiros desse órgão, a respectiva política editorial”.

Por causa dos factores já descritos, os fotojornalistas do Savana e Canal de Moçambique, nomeadamente Ilec Vilanculo e Lucas Meneses, respectivamente, afirmam que ser fotojornalista é uma tarefa desafiante na imprensa escrita privada em Moçambique. “Nós fotojornalistas não somos considerados. Somos simples fotógrafos como dizem. Muita das vezes o fotojornalista é desprezado, ignorado [tanto dentro, quanto fora da redacção]. Na parte financeira é considerado o escriba. Aliás todas as vezes, dificilmente vai encontrar um bom jornalista a receber menos que um bom fotógrafo. O fotógrafo não é considerado”, disse Vilanculos.

Entretanto, para reverter esse cenário e com vista a agregar cada vez maior qualidade à fotografia publicada naqueles periódicos, o que irá incrementar as vendas e lucro em última análise, as fontes defendem forte investimento, principalmente em recursos financeiro, materiais e humanos. “Para melhorar a qualidade da fotografia na imprensa escrita é preciso investimento”, disse o fotojornalista do Savana.

O editor executivo do aludido Jornal, entende que o investimento não pode se cingir apenas à produção fotojornalística, mas para todos os sectores de produção jornalística. “A preocupação que existe é o investimento em toda cadeia de produção editorial (jornal impresso, digital, websites, redes sociais, etc.). O sector do fotográfico precisa de investimento, mas não é o único”, sublinhou Carmona.

5.11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TAVARES, Frederico; VAZ, Ferreira. Fotografia jornalística e mídia impressa: formas de apreensão, in FAMECOS, 2005, p.125-138.

SCHAEFFER, Jean-Marie. A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico. Campinas: Papirus, 1996.

SOUSA, Jorge Pedro. Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto. S/e. 2002.

LUCENA at all. Fotografia Digital: Reconfiguração do Recurso de Memória da Família Contemporânea de Vitória da Conquista – BA, in Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística, 2015.

GRADIM Anabela. Manual de Jornalismo. S/e. Covilhã, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media. 2ª ed. Porto. 2006.

GIL, António Carlos: Métodos e Técnicas de Pesquisa em Ciências Sociais. 6ª edição. São Paulo. 2008.

LAVILLE Christian; DIONNE Jean. A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Editora UFMQ. Porto Alegre. 1999.

FRANÇA, Joana. O que (não) vêm os nossos olhos: Fotojornalismo na imprensa portuguesa. Coimbra. S/e. 2014.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. Critérios de noticiabilidade e o fotojornalismo. Discursos Fotográficos, Londrina, PR, v. 4, n. 2, 2008.

MONTEIRO, Charles. História e Fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 64 -89. Jan./Abr. 2016.

GERHADIT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

NAMBURETE, Eduardo. A Comunicação Social em Moçambique: da independência à liberdade. In Federação Lusófona de Ciências da Comunicação. Lisboa, Lusocom 2003.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

RIBEIRO, Fátima; SOPA António. 140 anos de Imprensa em Moçambique. AMOLP, Maputo, 1996.

RANGEL, Ricardo. Pão Nosso de Cada Noite. Maputo: Marimbique, 2004.

BAHULE, Dionísio. Fotojornalismo [OU] a Gramática das Sensações: Corpo. Imagem. Media. TPC, Maputo, 2019.

ROCHA, Ilídio – Contribuição para a história da imprensa em Moçambique, Lourenço Marques, CODAM. 1973.

HOHLFELDT, António; GRABAUSKA, Fernanda. Pioneiros da imprensa em Moçambique João Albasini e seu irmão. In Brazilian Journalism Research - Volume 6 - Número 1 - 2010.

TRIANA, Bruna Nunes da Costa. Ricardo Rangel: insubmisso e generoso. In Ilha, v. 19, 2017.

CHICHAVA, Sérgio; POHLMANN, Jonas. Uma breve análise da imprensa moçambicana. In Desafios para Moçambique 2010.

CORREIA, Agostinho. Fotografia Social da Prática Política na Imprensa Moçambicana, 1994-2008: Perda ou transformação identitária da Consciência cidadã. f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Jornalismo) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade Eduardo Mondlane, 2008.

TOMÁS, Alberto. Análise da linguagem do fotojornalismo no diário Notícias, período de Janeiro à Março de 2018. f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Jornalismo) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade Eduardo Mondlane, 2018.

5.12. ANEXOS

1. Anexo A_ Ilustrações mencionadas na problemática;
2. Anexo B_ Tabela de casos com e sem qualidade fotojornalística analisados;
3. Anexo C_ Cópia das fotografias jornalísticas analisadas;
4. Anexo D_ Entrevistas (uma por escrito e cinco em áudios gravados em DVD).

ANEXO A

ILUSTRAÇÕES MENCIONADAS NA PROBLEMÁTICA

ANEXO B

TABELA DE CASOS COM E SEM QUALIDADE FOTOJORNALÍSTICA ANALISADOS

Tabela de levantamento de casos com e sem qualidade fotojornalística no Jornal Canal de Moçambique e Savana

Categorias	Fotografia e legenda		Teor da legenda		Relação fotografia e texto			Tamanho da fotografia			Tempo da fotografia		
	TL	SL	AV	SI.	EX	CO	RE	P	M	G	AT	DE	I.V
I TRIMESTRE													
Canal. 12.01.22													
Ministro das Finanças foi quem apresentou o prospecto fraudulento aos investidores: Armando Guebuza, Adriano Maleiane e Alberto Mandlane: Os últimos três declarantes com impressões digitais (pg.02)	X			X		X		X				X	
Nyusi e Kagame renovam núpcias e a tropa ruandesa vai continuar em Moçambique (pg.05)	XE		X			X			X			X	
Suplemento													

Segurança dos Cartões do Millennium Bim reconhecida pelo PCI-DSS. (pg.01)		X				X			X				X
“Standard Bank” levou dia da família a instituições de acolhimento e de caridade (pg.2)		X				X			X		X		
Savana: 07.01.22													
Retoma do Julgamento das Dívidas Ocultas: Sai Zófimo, fica Guebuza e Chivale (pg. 2)	XE		X			X			X			X	
Crise no sector de Carvão em Moçambique: Tribunal Penhora artigos da Minas Moatize Lda. (pg. 04)	X		X			X		X					X
Suplemento													
Fidelidade compra 70% da Ímpar (pg.01)		X				X			X				X
A ser compensada													
Canal: 09.02.22													
O perfil de quem tomou a decisão sobre as	X		X			X				X			X

portagens: A história de um juiz que cobra milhões por uma decisão (pg.05)												
Contas da LAM: Prejuízo de 4,6 biliões mas 127 milhões só para intermediários de negócios (pg.02)	X		X			X				X		X
Suplemento												
“Millennium bim” apoia formação de professores de Ensino Primário (pg.01)		X				X		X				X
Presidente da República saúda reeleição de Sérgio Matarella (pg.01)		X				X		X				X
Savana:04.2.22												
Insurgentes fazem marcha atrás: “Grupo do Niassa” de volta a Cabo Delgado (pg.02)	XE		X		X			X				X
Cabo Delgado: Total esta pronta para recomeçar (pg.03)	XE		X			X		X			X	
Suplemento												

Itália financia mais oito novas iniciativas (pg.01)		X				X			X		X		
Vale empodera raparigas (pg.02)		X			X			X					X
Um ano sem o General Eugénio Mussa: O leão da floresta (pg.03) NB: Compensação		X				X		X				X	
Canal:16.03.22													
Embaixador da França desfaz rumores de “dossier” Ruanda em Cabo Delgado: “É uma decisão do Presidente Nyusi” (pg.02)	X			X	X				X		X		
Dívidas Ocultas: Peculato e branqueamento de capitais no topo das penas graves (pg.05)	X		X			X				X			X
Suplemento													
“Standard Bank” promove empreendedorismo feminino (pg.01)		X				X		X			X		
Universidade	X			X		X		X					X

Politécnica e OIM na luta pela igualdade de género (pg.01)													
Savana:04.03.22													
Tal cá como lá: Polícias e gangues por detrás dos raptos na RSA (pg.02)	X		X			X				X			X
Produtores de açúcar aflitos (pg.08)	XE		X			X			X		X		
Suplemento													
Clientes da Tmcel na plataforma da Erickson (pg.01)		X				X			X		X		
Irene Mendes lança mais uma obra (pg.02)		X				X				X	X		
II TRIMESTRE													
Categorias	Fotografia e legenda		Teor da legenda		Relação fotografia e texto			Tamanho			Tempo da fotografia		
	TL	SL	AV	SI.	EX	CO	RE	P	M	G	AT	DE	I.V
Canal: 06.04.22													
PGR vasculha negócios malparados na LAM que incluem comissões de 127	XE		X			X				X			X

milhões (pg.02)													
Vaga para substituir Felisberto Naife no STAE: Frelimo pondera nomear “donos dos eleitores fantasmas” de Gaza (pg.05)	X		X			X		X			X		
Suplemento													
Bernardo Aparício é o novo administrador-delegado do “Standard Bank” (pg.01)		X				X		X			X		
“Millennium bim” e “Caetano Formula Moçambique” celebram parceria para a aquisição de viaturas (pg.02)		X				X		X			X		
Savana: 01.04.22													
Nyusi jubila com regresso do FMI: Eu era Presidente do país de ladrões (pg.02)	X		X			X		X					X
Rogério Zandamela e o regresso do FMI:	X			X		X		X					X

Fim da travessia do deserto (pg.03)													
Suplemento													
Finlândia e UNICEF reforçam protecção social (pg.01)	X		X			X				X	X		
Mesquita visita LEM e ANE (pg.02)	X		X			X			X		X		
Canal: 04.05.22													
Renda milionária na Matola-Rio: Vitória Diogo arguida no caso da residência protocolar que custava 400 mil Meticais por mês (pg.02)	X		X			X				X			X
Dívidas ocultas: Há seis processos internacionais contra Moçambique (pg.05)		X				X		X					X
Suplemento													
“Standard Bank” regista lucro de 5 mil milhões de Meticais (pg.01)	X					X			X				X
Presidente da AT exorta mulheres tributárias a		X				X		X			X		

tomarem dianteira nas acções institucionais (pg.02)												
Canal:08.06.22												
Ministra da Educação em reunião secreta para controlar a opinião pública: “Queimem a Firosa e não a mim” (pg.02)	X		X			X				X		X
Juiz do Conselho Constitucional propõe revisão da constituição antes de 2024 (pg.05)	X			X		X			X			X
Suplemento												
Concurso “Grandes Mulheres, Grandes Soluções”: Millennium bim premeia criactividade sustentável (pg.01)	X			X		X				X		
“Standard Bank” nomeado marca bancária mais valiosa de África (pg.06)		X				X		X				X

Savana: 13.05.22												
Cabo Delgado: E, na verdade, a guerra continua (pg.06)	XE		X			X		X				X
Numa altura em que se aproximam importantes embates eleitorais: Araújo agita ninho da perdiz (pg.02)	X		X			X			X			X
Suplemento												
Tmcel exalta Paulina Chiziane (pg.01)		X				X			X	X		
Mesquita desafia Revimo (pg.02)	X		X			X		X		X		
Savana: 03.06.22												
Comité Central da Frelimo: Terceiro mandato dinamitado nos bastidores (pg.02)	X		X			X			X	X		
Mudança no SISE: Nyusi refresca Jane (pg.04)	X		X			X		X				X
Suplemento												
Feitos de Craveirinha celebrados na Politécnica (pg.01)		X			X			X				X

Na academia MTF: Jovem cineasta representa Moçambique na Zâmbia (pg.02)		X				X		X			X		
III TRIMESTRE													
Categorias	Fotografia e legenda		Teor da legenda		Relação fotografia e texto			Tamanho			Tempo		
Subcategorias	TL	SL	AV	SI.	EX	CO	RE	P	M	G	AT	DE	I.V
Canal: 06.07.22													
Embaixador da Rússia responde aos embaixadores ocidentais: “Eles continuam com instinto colonialista e (...) compreende-se simpatia com o nazismo (pg.05)	X			X		X			X		X		
Governo irritado com a “GALP”: Da fraude nas botijas à pressão para aumento dos preços dos combustíveis (pg.02)	X			X		X		X					X
Suplemento													
Nos municípios		X				X		X		X	X		

da Beira e Dondo: PR inaugura sistemas de abastecimento de água para 506.000 pessoas (pg.01)												
Câmara de Comércio Moçambique- Espanha comemora quinto aniversário (pg.02)		X		X		X			X		X	
Savana: 01.07.22												
Acordo do CC sobre a indefinição dos prazos de prisão preventiva gera polémica: Uma manchadada à Constituição! (pg.02)	X		X			X				X		X
Maluana, distrito da Manhiça em alvoroço: População desarma Polícia e faz justiça privada (pg.08)	X			X			X	X				X
Suplemento												
AT apresenta novo modelo de transformação		X				X				X	X	

económica (pg. 01)													
Fundação MASC lança iniciativa “Arte para Paz” (pg.02)		X				X					X		
Canal: 03.08.22													
Severino Nguenha ataca o tribalismo e o discurso mafioso na Frelimo: “Uma porcaria será sempre uma porcaria” (pg.02)	XE		X			X				X	X		
Fundos da Covid-19: Cerca de 80% dos fundos foram gastos em aluguer de hotéis e alimentação (pg.22)		X				X			X			X	
Suplemento													
“Standard Bank” prevê aceleração dos investimentos na exploração de gás natural em Moçambique (pg.01)		X				X			X		X		
EMOSE apoia pequenas e médias empresas no acesso ao	X			X		X						X	

financiamento bancário (pg.02)													
Savana: 05.08.22													
Detenção do “Boss Navara”: Fim de um barão intocável? (pg.02)	X		X			X		X					X
O drama dos aeroportos: FJN não dispõe de equipamento de apoio para atender um Boeing 737 (pg.03)	X		X			X				X		X	
Suplemento													
mKesh e Ecobank assinam parceria (pg.01)	X		X			X				X	X		
Inaugurado “Hospital do Olho” em Maputo (pg.02)		X				X				X	X		
Canal:07.09.22													
Intervenção do Banco Central no “Moza”: Tribunal anula decisão do BM que condenou administrador do “Moza Banco” (pg.02)	X			X		X				X		X	
Eduardo Nihia e os motivos porque Nampula não quer	X			X		X		X					X

Frelimo: “Os macuas são falsos e sem direcção” (pg.05)													
Suplemento													
“Corrida Azul” do Standard Bank coloca Maputo na rota do atletismo (pg.01)		X				X		X			X		
INATUR e APIBA assinam memorando (pg.01)		X				X		X			X		
Savana: 02.09.22													
Insurgentes alastram ataques novamente para o sul de Cabo Delgado: Eles estão de volta! (pg.02)	X		X			X				X			X
Branqueamento de capitais e financiamento ao terrorismo: Sector mineiro na mira do Governo (pg.04)	XE			X			X	X					X
Suplemento													
Standard Bank capacita 50 mulheres (pg.01)		X				X				X			X

TotalEnergies coloca bolseiros na França (pg.02)		X				X				X	X		
IV TRIMESTRE													
Categorias	Fotografi a e Legenda		Teor da Legenda		Relação fotografia e texto			Tamanho			Tempo		
Subcategorias	TL	SL	AV	SI.	EX	CO	RE	P	M	G	AT	DE	I.V
Canal: 05.10.22													
Indicação de Director-geral do STAE suspensa: José Grachane impugna resultado e ameaça levar o processo ao TA (pg.02)	X			X	X			X					X
Professor Ussuf Adam fala do terrorismo em Cabo Delgado: “Os terroristas querem a divisão do poder e dos benefícios económicos (pg.05)	X		X			X			X		X		
Suplemento													
Standard Bank disponibiliza USD 30 mil para	X		X			X		X			X		

o maior torneio de ténis de Moçambique (pg.01)												
Com reforço na segurança cibernética: SGS comemora sessenta anos de implantação em Moçambique (pg.01)	X		X		X		X					X
Savana:21.10.22												
Olívia Machel e o hipotético terceiro mandato de Filipe Nyusi: “Falhou e tem receio de sair sem legado” (pg.02)	X		X		X		X		X			
Mais uma série de ataques em Cabo Delgado: Alarmes voltam a tocar no sul (pg.04)		X			X		X					X
Suplemento												
Fidelidade Ímpar celebra 30 anos (pa.01)	X		X		X				X	X		
Tenista belga vence Standard Bank Open (pg.02)	X		X		X		X			X		
Canal:16.11.22												

Passagem a reforma com efeitos retroactivos desde 2008: O “jackpot” da TSU que saiu ao general Lagos Lidimo (pg.02)	X		X			X			X				X
Tabela Salarial Única: “Movimento Professores Unidos” ignora ONP e avança com greve nacional (pg.05)	X		X			X		X					X
Suplemento													
“Eni” anuncia primeiro carregamento de GNL da Bacia do Rovuma (pg.01)		X				X		X					X
“Standard Bank” integra trinta jovens recém-graduados (pg.01)		X				X		X			X		
Savana: 04.11.22													
Hassnei Raza Mamadaki: O patrão que paralisou Nacala (pg.04)	X			X			X		X				X
TSU gera revolta na função pública	X			X	X				X				X

(pg.02)													
Suplemento													
Pó Jorge eleito presidente da AASA (pg.01)	X		X			X		X					X
Access Bank promove educação financeira (pg.01)		X				X		X		X			
Savana: 02.12.22													
Greve dos médicos: Assistência médica na quadra festiva ameaçada (pg.02)	X		X			X		X				X	
TSU atrasa salários na Função Pública: Militares e docentes da UEM sem ordenados (pg.03)		X				X		X					X
Suplemento													
UEM e Itália celebram 45 anos de cooperação (pg.01)		X				X		X		X			
BNI entrega 10 kits de auto-emprego a jovens em Maputo (pg.02)		X				X		X					X
Canal:14.12.22													

“Indivíduo A” na mira do juiz: António Carlos do Rosário introduziu material de espionagem nas celas? (pg.02)	X		X			X			X		X			
João Mosca e a pretensão de privatizar a LAM e a Tmcel: Duvido que haja empresário que queira comprar a LAM ou a Tmcel” (pg.05)	X		X			X				X			X	
Suplemento														
“Uxene” apresenta megaprojecto imobiliário de USD 3,5 mil milhões (pg.01)		X				X		X			X			
Access Bank premeia vencedores do “Womenpreneur Pitch-A-Ton Moçambique” (pg.01)		X				X		X			X			
Total de casos	57	39	38	19	6	87	3	40	30	25	42	13	41	
Generalista	44	4	31	13	4	41	3	15	18	15	10	10	28	77
Suplemento	13	35	7	6	2	46	0	25	12	10	32	3	13	84

Gene./Canal	22	2	14	8	2	22	0	7	8	9	8	5	11	35
Gene./Savana	22	2	17	5	2	19	3	8	10	6	2	5	17	42
Suple./Canal	8	19	2	5	0	26	0	16	5	3	17	2	7	49
Suple./Savana	5	16	5	1	2	20	0	9	7	7	15	1	6	35
Canal vs. Savana														
Canal	30	21	16	13	2	48	0	23	13	12	25	7	18	84
Savana	27	18	22	6	2	39	3	13	17	13	17	6	23	71

ANEXO C

CÓPIA DAS FOTOGRAFIAS JORNALÍSTICAS

ANALISADAS

ANEXO D

**ENTREVISTAS (UMA POR ESCRITO E CINCO
EM ÁUDIOS GRAVADOS EM DVD).**

Saudações Caro Francisco Carmona,

Espero que o presente correio o encontre bem.

Conforme proposto, seguem abaixo perguntas sobre a qualidade da fotografia jornalística na imprensa escrita semanal e privada em Moçambique, caso Savana. Encaminho-as no âmbito da realização do Trabalho de Fim de Curso em Jornalismo, sobre o referido tema, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane.

De uma análise de fotografias publicadas com notícias, reportagens e entrevistas nacionais durante o ano de 2022, o trabalho constatou que o Savana veicula algumas imagens sem qualidade informativa e, tal é evidenciado por factores como: presença de fotografias desatualizadas ou cujo tempo não é possível verificar (o agravante é que não se faz menção que a imagem é do arquivo ou não se aponta a fonte, no caso em que busca da internet); fotografias muito pequenas (tipo passe), sem legenda ou se há, por vezes é extensa e estrava o espaço da foto e, há presença considerável de fotografias cuja legenda ou é redundante ou não agrega muito valor a foto.

O trabalho defende a hipótese de que tais factores que afectam a qualidade da fotografia resultam, no cômputo geral, do fraco investimento (desde recursos materiais até humanos) para a produção fotojornalística na imprensa privada. Esta hipótese tem alicerce na teoria organizacional de jornalismo defendida por Nelson Traquina, segundo a qual as notícias são como são devido a condicionantes organizacionais financeiras, para além de editoriais, etc.

Depois da contextualização, pergunto-lhe:

1. Por que há fraco investimento na produção fotojornalística no Savana?

O jornal SAVANA, o primeiro semanário privado pós-independência em Moçambique, tem/teve o privilégio de contar com os melhores fotógrafos deste país, o que fez com que tenha também um importante acervo fotográfico. Mas como deve compreender com a dinâmica do tempo muitos dos fotógrafos foram à reforma e foram substituídos por jovens fotojornalistas, que, no meu entender, não tem sabido acompanhar as actuais tendências. Mas também é preciso reconhecer que, pela falta de fundos, ao longo dos tempos não temos conseguido acompanhar a dinâmica no mundo da produção fotográfica.

2. Agrava a problemática da fraca qualidade da fotografia, o facto de o Jornal ter sete dias para produzir, diferentemente de um diário. Além disso, o Savana já vai (em 2024) fazer 30 anos de existência. Durante esses anos pressupõe-se que a empresa que detém o periódico tenha robustez financeira para um maior investimento na produção fotojornalística. Que comentário faz em relação a estes pressupostos?

Os jornais impressos, em todo mundo, estão a passar por uma grande crise. As vendas de jornais caíram radicalmente. Apenas uma parte minúscula de leitores mantém a tradição de ler as notícias no papel. Muitos migraram para o digital e o SAVANA está nesse caminho de procurar se reinventar aos novos tempos. Mas não é um exercício fácil. A publicidade, que é a parte de leão nas receitas, também está em queda. Os investimentos não são feitos apenas na produção fotojornalística. Há também problemas de investimentos em toda Redacção por falta de fundos, resultante de quebra de receitas por factores acima mencionados. Também a alegada falta de qualidade das imagens, resulta igualmente da má qualidade de impressão. Em Moçambique a qualidade das gráficas é péssima.

3. Não menos importante é que o Savana (como qualquer outro órgão de comunicação social) é por excelência um meio crítico. Será que consegue desempenhar esse papel de crítico social, de modo geral, com fotografias sem qualidade?

É verdade que a fotografia jornalística deve ser encarada como uma componente importante do discurso jornalístico. Mas, apesar da alegada má qualidade de imagens, ainda somos líderes dos semanários nestes mês, muito por causa da qualidade crítica expressa nos textos.

4. Na perspectiva organizacional da teoria de jornalismo, Nelson Traquina defende ainda que as notícias são um produto comercial e para vender, as empresas recorrem a estratégias de marketing que se evidenciam nas capas, onde a fotografia é que mais se destaca. Assim, como o Jornal pretende vender mais sem investir na produção fotojornalística?

É também verdade que a fotografia na imprensa escrita, sobretudo, nas capas tem grande relevância por oferecer uma visão objectiva e abrangente de um acontecimento de interesse público, mas por factores acima referidos, que nos empurram para o fraco

investimento na área fotográfica (pessoal e tecnologia) e não só, o SAVANA ainda consegue se reinventar, procurado buscar imagens, muitas vezes não actuais, conseguem acompanhar o headline, tornando as capas mais atractivas e competitivas.

5. Por limitações financeiras, várias vezes o fotojornalista não pode se deslocar, principalmente para fora de Maputo. E para suprir a falta, o fotojornalista recorre a Internet, de entre várias fontes. Contudo geralmente não se menciona a fonte. Essa atitude não viola o princípio de propriedade intelectual?

Toda a utilização do conhecimento/ produto alheio, que não menciona a fonte, viola claramente o princípio de propriedade intelectual, ética e a deontologia profissional. Pode existir um ou outro caso, que nos escapou, mas não é prática recorrente do jornal resvalar para esse campo.

6. Da análise constatou-se ainda que as fotografias publicadas em suplemento “Savana Eventos” são as que menos qualidade tem em relação às fotografias publicadas em artigos generalistas. Olhando para a proveniência da maioria dos artigos no “Savana Eventos”, pode-se afirmar que questões comerciais influenciam para que as notícias/fotografias sejam publicadas como são? De modo geral, por que há fraca qualidade no suplemento?

O savana eventos nasceu com um propósito. Tem a sua filosofia. Fomos os pioneiros a criar aquele tipo de produtos e os outros nos seguiram. É comercial. Mas não há nenhuma pressão externa para editar o eventos como se edita. Somos independentes e presamos a nossa liberdade.

7. Já propôs ou pensa em propor aos superiores da empresa para melhorar a qualidade do fotojornalismo?

A preocupação que existe é o investimento em toda cadeia de produção editorial (jornal impresso, digital, websites, redes sociais, etc). O sector do fotográfico precisa de investimento, mas não é o único.

Agradecia imenso que reagisse dentro desta primeira quinzena de Setembro de 2023.

Atenciosamente!